

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB**  
**INSTITUTO DE LETRAS – IL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL**

**SEQUÊNCIAS VERBAIS E GRAMATICALIZAÇÃO DE VERBOS EM  
PARTÍCULAS NA LÍNGUA GUAJÁ**

**Ligiane Maria Vieira de Souza**

**Brasília**

**2020**

**Ligiane Maria Vieira de Souza**

**SEQUÊNCIAS VERBAIS E GRAMATICALIZAÇÃO DE VERBOS EM  
PARTÍCULAS NA LÍNGUA GUAJÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora:

**Profa. Dra. Marina Maria Silva Magalhães**

**Brasília**

**2020**

VL724s Vieira de Souza, Ligiane  
SEQUÊNCIAS VERBAIS E GRAMATICALIZAÇÃO DE VERBOS EM  
PARTÍCULAS NA LÍNGUA GUAJÁ / Ligiane Vieira de Souza;  
orientador Marina Maria Magalhães. -- Brasília, 2020.  
88 p.

Dissertação (Mestrado - Doutorado em Administração) --  
Universidade de Brasília, 2020.

1. Língua Guajá. 2. Sequência verbal. 3. Gramaticalização.  
4. Partículas. I. Maria Magalhães, Marina, orient. II. Título.

**Ligiane Maria Vieira de Souza**

**Sequências verbais e gramaticalização de verbos em partículas na língua Guajá**

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística

Linha de pesquisa: Gramática: Teoria e Análise

Trabalho defendido em 16 de março de 2020.

**Banca Examinadora:**

---

Professora Doutora Marina Maria Silva Magalhães – Presidente – (UNB/PPGL)

---

Professor Doutor Dionei Moreira Gomes – Membro - (UNB/PPGL)

---

Professora Doutora Christiane Cunha de Oliveira – Membro - (UFG/ NTFESI)

---

Professora Doutora Walkíria Neiva Praça – Suplente - (UNB/PPGL)

Dedico este trabalho aos Awa Guajá, pois, mesmo sem conhecê-los pessoalmente, sinto-me inspirada pela esperança que eles nutrem de viver dias melhores.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à professora Marina Magalhães, que como orientadora conduziu a elaboração desta pesquisa de forma paciente, atenciosa e que me acolheu em meus momentos de receios e dúvidas. Sou extremamente grata e me sinto imensamente feliz por ter sido sua orientanda.

Ao professor Dionei Moreira Gomes, por ter ensinado de forma incrível a arte de ser pesquisador e me incentivar a ir além dos meus limites.

À professora Walkíria Neiva Praça, por sua significativa contribuição em meus estudos e ter sido a primeira pessoa na UnB a me motivar em iniciar o mestrado.

Ao professor Paulo Medeiros Júnior, pela dedicação, alegria e conhecimento aplicados durante os momentos de aula.

Ao professor Antônio Augusto Souza Mello, por compartilhar seu vasto conhecimento e experiências.

A todos os funcionários da Universidade de Brasília, por serem tão importantes mesmo sem serem vistos.

À minha mãe, Lídia, por todo o amor, carinho e dedicação que ela sempre ministra a mim e por ser minha principal inspiração para vencer os desafios.

Ao meu esposo, Daniel, pela força e incentivo demonstrados ao longo desta jornada.

Às amigas: Bella, Brenda, Camila, Sandra, Luana Dalem e Luana Galeno por todo o incentivo recebido.

À minha prima Elaine, por sempre estar ao meu lado demonstrando carinho e apoio.

À família Vieira Pessoa, por seu legado inspirador

E por fim, agradeço principalmente a Deus, pelo dom da vida, pela força dada e seu amor constante nesta etapa muito importante da minha vida.

## **RESUMO**

Esta dissertação tem como base o estudo da teoria linguística a partir de um ponto de vista funcional-tipológico, levando-se em consideração que, para compreender melhor as características de uma língua, temos que procurar relacioná-las ao contexto em que seus falantes a utilizam. O capítulo 01 traz como conteúdo informações sobre a cultura, vida e a cosmovisão do povo Awa Guajá, uma vez que, para entender a língua, é necessário conhecer um pouco sobre estes, seus hábitos e o seu cotidiano. O segundo capítulo trata de princípios básicos sobre a estrutura linguística do Guajá. Nele são abordados temas como o grupo ao qual a língua estudada pertence, suas características morfossintáticas e como ocorre a marcação de pessoa em diferentes tipos de verbos. Informações sobre como são estruturados os distintos tipos de orações que possuem verbos em sequência são encontradas no capítulo de número 3. Neste são apresentadas as estruturas das orações coordenadas, orações subordinadas e a construção verbal serial do Guajá. O quarto capítulo apresenta os processos de gramaticalização pelos quais verbos passaram e se tornaram partículas pós-verbais. Este capítulo apresenta, especificamente, as partículas que trazem noções direcionais, posicionais e de aspecto projetivo. E, concluindo esta pesquisa, o último capítulo é dedicado às possíveis motivações para a gramaticalização dos verbos em partículas, além de uma comparação das partículas direcionais, posicionais e de aspecto projetivo do Guajá com seus correlatos em outras línguas da família Tupí-Guaraní como Tapirapé, Ka'apor e Kamayurá, ou com morfemas que desempenham funções similares em línguas não relacionadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gramaticalização. Partículas. Verbos.

## **ABSTRACT**

*This thesis is based on the study of linguistic theory from a functional-typological point of view, taking into account that, to better understand the characteristics of a language, we have to try to relate them to the context in which its speakers use it. Chapter 01 contains information on the culture, life and worldview of the Awa Guajá people, since, in order to understand the language, it is necessary to know about them, their habits and their daily lives. The second chapter deals with basic principles about Guajá's linguistic structure. It addresses topics such as the group to which the studied language belongs, its morphosyntactic characteristics and how to express the grammatical notion of person in different types of verbs. Information on how the different types of sentences that have verbs in sequence are structured is found in chapter number 3. This section presents the structures of coordinated sentences, subordinate sentences and the serial verbal construction of Guajá. The fourth chapter presents the grammaticalization processes that verbs went through and became post-verbal particles. This chapter specifically presents particles that have directional, positional and projective notions. And, concluding this research, the last chapter is dedicated to the possible motivations for the grammaticalization of verbs in particles, in addition to a comparison of the directional, positional and projective aspects of Guajá with their correlates in other languages of the Tupi-guaranian family such as Tapirapé, Ka 'apor and Kamayurá, or with morphemes that perform similar functions in unrelated languages.*

**KEYWORDS:** *Grammaticalization. Particles. Verbs.*



## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>vii</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>viii</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS.....</b>	<b>xi</b>
<b>FIGURAS .....</b>	<b>xiv</b>
<b>QUADROS .....</b>	<b>xiv</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
0.1 Objetivos.....	1
0.1.1 Geral: .....	2
0.1.2 Específicos: .....	2
0.2 Fundamentação teórica.....	2
0.3 Metodologia .....	4
<b>CAPÍTULO I - Awa Guajá: povo e cultura .....</b>	<b>6</b>
<b>CAPÍTULO II - A língua e sua estrutura .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO III - Os diferentes tipos de sequências verbais e seu nível de integração....</b>	<b>23</b>
3.1. Orações Coordenadas .....	23
3.2 Subordinação semântica .....	26
3.3. Orações Subordinadas .....	27
3.3.1 Orações subordinadas adverbiais temporais .....	28
3.3.2 Orações subordinadas adverbiais consecutivas .....	28
3.3.3 Orações subordinadas adverbiais finais .....	29
3.4 Construções verbais seriais (SVC).....	31
3.5 As distintas relações de proximidade entre os verbos nas construções apresentadas .....	40

<b>CAPÍTULO IV - A gramaticalização de verbos em partículas .....</b>	<b>44</b>
4.1 Gramaticalização.....	44
4.2 Partículas .....	46
4.2.1 Partículas direcionais .....	46
4.2.2 Partículas posicionais .....	50
4.2.3 Partícula de aspecto projetivo.....	53
4.3 Análises dos processos e possíveis novas gramaticalizações.....	54
<b>CAPÍTULO V - Motivações para os processos de gramaticalização .....</b>	<b>63</b>
5.1 Motivações para a gramaticalização de verbos .....	64
5.2 Partículas direcionais e posicionais: motivações para a sua origem.....	69
5.3 Partículas aspectuais: motivações para a sua origem.....	74
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>82</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>84</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS

Ocorrência	Significado
A	Sufixo nominal
ARG	Sufixo do caso argumentativo
AUX	Auxiliar
AT1	Partícula evidencial de testemunho/passado recente
CAUS	Morfema causativo
CC	Causativo comitativo
CERT	Certificação
CERT	Modalidade epistêmica de certeza
CNT	Contiguidade
COL	Coletivizador
COM	Comitativo
CONJ	Conjunção
CONS	Subordinador de consecutividade
CONT	Prefixo indicador de determinante contiguo
CTF	Partícula direcional centrífuga
CTF1	Partícula direcional centrífuga comitativa
CTF2	Partícula direcional centrífuga causativa simples
CTP	Partícula direcional centrípeta
CTP1	Partícula direcional centrípeta comitativa
CTP2	Partícula direcional centrípeta causativa simples
DAT	Dativo
D.E	Demonstrativo espacial
DEM	Demonstrativo
DES	Desiderativo
ELAT	Partícula direcional elativa
EXCL	Exclusivo
EXO	Modo exortativo
FIN	Sufixo de finalidade/simultaneidade

FRUST	Frustativo
FS	Fim de sentença
IMED	Partícula de aspecto imediativo
IMIM	Iminente
INT	Intencional
INTEN	Partícula de intencionalidade
G	Gerúndio
GER	Subordinador do modo gerúndio
GRUP	Grupo de pessoas
LOC	Sufixo do caso locativo
LUS	Partícula lusiva
LUSIV	Lusivo
MS	Falante de sexo masculino
MUD	Partícula de mudança
NCONT	Prefixo indicador de determinante não-contíguo
NCT	Não contiguidade
NINT	Não interrogativo
NOM	Nominalizador
N.PROC	Nominalização de instrumento, processo, local
N. PR.	Nome próprio
NZR	Afixo nominalizador
PAS	Passado
PAS.REC	Passado recente
POS1	Partícula posicional ‘em movimento’
PROIB	Partícula proibitiva
PROG	Partícula de aspecto progressivo
PROJ	Partícula de aspecto projetivo
R	Prefixo relacional
R	Prefixo relacional (prefixo de adjacência)
P.REM.N.A	Passado remoto não atestado
REAL	Partícula epistêmica de pressuposição

RED	Reduplicação
REDUP	Reduplicação
REFER	Referenciante
REL	Prefixo relacional
REP	Reportativo
RETR	Sufixo de atualização retrospectiva
RFR	Sufixo nominal referenciante
SN	Sintagma nominal
SUBJ	Modo subjuntivo
SVC	Construções verbais seriais
SG	Singular
PL. INCL.	Plural inclusivo
PL. EXCL.	Plural exclusivo
PL	Plural
PLU	Partícula pluralizadora de sujeito
PROIB	Partícula proibitiva
POS1	Partícula posicional ‘em pé, em movimento’
POS2	Partícula posicional ‘em pé’
POS3	Partícula posicional ‘de cócoras / sentado’
POS4	Partícula posicional ‘deitado’
POS5	Partícula posicional ‘balançando’
POS6	Partícula posicional causativa ‘fazendo sentar’
POS7	Partícula posicional comitativa ‘estando com’
PROSP	Sufixo de atualização nominal prospectiva
PROX	Aspecto aproximativo
RED	Reduplicação
RLT	Prefixo relacional
TAM	Tempo-aspecto-modo
TG	Tupí-Guaraní
TRANS	Sufixo do caso translativo
VERT	Posição estendida vertical

1EXCL	Nós exclusivo
1PE	Nós exclusivo
1SG	Primeira pessoa (eu, me)
2SG	Segunda pessoa (tu, te)
2/IMP	Segunda pessoa do singular no modo imperativo
3	Terceira pessoa do singular ou plural (ele (a), eles (as))
~	Alternância fonologicamente condicional (alomorfe)

## FIGURAS

Figura 1	Mapa das terras indígenas onde vivem os Awa Guajá
Figura 2	Família Awa Guajá da Aldeia Awa
Figura 3	Tronco Tupí e suas famílias linguísticas

## QUADROS

Quadro 1	Marcadores da série I
Quadro 2	Marcadores da série II
Quadro 3	Partículas direcionais
Quadro 4	Partículas posicionais
Quadro 5	Partícula prospectiva

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa tem como foco analisar as distintas relações que a língua Guajá apresenta entre os verbos que constituem uma sentença, sendo esta uma sequência de orações ou uma sentença monoracional, para que seja possível compreender de maneira aprofundada o processo icônico de estreitamento dessas relações verbais. A análise se inicia nas orações coordenadas, passa pelas subordinadas e chega às construções verbais seriais presentes na língua. A partir dessa análise, aprofundamos o tema apresentando a investigação sobre o processo de gramaticalização de verbos específicos em partículas direcionais, posicionais e aspectuais sincronicamente empregadas no Guajá, sendo esse processo resultante do grau mais elevado de estreitamento entre verbos.

Entende-se que o estudo dos temas citados acima contribuirá para uma melhor compreensão da estrutura atual da língua falada pelos Awa Guajá, além de contribuir para o melhor entendimento das mudanças pelas quais esta língua vem passando. Embora o estudo seja sobre a língua Guajá, serão levados em consideração dados de outras línguas, estes não apenas da família Tupí-Guaraní, mas também de línguas não relacionadas geneticamente, em caráter comparativo. Com isso, pretendemos contribuir para os estudos sobre sintaxe e, em especial, sobre sintaxe de línguas indígenas.

Ademais, tendo como inspiração os exemplos de pesquisadores como Aryon Rodrigues, Yonne Leite, Lucy Seki e Mário Eduardo Martelotta, a pesquisa aqui desenvolvida pretende ser mais uma contribuição à necessidade de conhecer mais a respeito dos alicerces sobre os quais o Brasil foi edificado e de alguma forma, permitir que outros brasileiros conheçam um pouco melhor a estrutura das línguas indígenas faladas em nosso território. Hoje, como brasileira e pesquisadora, compreendo que os povos indígenas são parte importante da nossa história e acredito que, aprender sobre mais sobre esses povos e suas línguas, proporciona a oportunidade de compreender mais sobre a identidade do Brasil e seu amadurecimento como nação.

### 0.1 Objetivos

### **0.1.1 Geral:**

- Analisar o percurso pelo qual os diferentes tipos de sequências verbais da língua Guajá resultam na gramaticalização de verbos em partículas.

### **0.1.2 Específicos:**

- Analisar e descrever, à luz do princípio da iconicidade, as diferentes estruturas em que verbos ocorrem em sequência partindo das estruturas coordenadas, passando pelas subordinadas e pelas construções seriais, até as estruturas em que os verbos se gramaticalizam em partículas específicas;

- Determinar os tipos de verbos que fazem parte dos processos citados acima e
- Identificar o contexto discursivo que propicia o processo de gramaticalização das diferentes estruturas de sequências verbais, explicando sua correlação com a estrutura gramatical da língua.

## **0.2 Fundamentação teórica**

A língua Guajá, falada pelos Awa Guajá, possui diferentes tipos de construções em que verbos lexicais ocorrem em sequência na sentença e possui partículas que passaram por processos de gramaticalização distintos. Observados esses fenômenos, entendemos ser necessário realizar uma investigação mais profunda sobre como estes processos ocorrem nesta língua, não apenas formalmente, mas tentando relacionar as modificações ocorridas com sua motivação discursiva.

Todas as etapas desta pesquisa e os porquês que a norteiam são guiados pela teoria Funcionalista. Esse tipo de investigação relaciona as estruturas linguísticas com o contexto social onde uma determinada língua é falada. Neves (1997, p. 02) defende que a compreensão do funcionalismo sobre como as línguas se estruturam e como mudam ao longo do tempo está relacionada à ideia de que os seus falantes nunca permanecem em modo estático. Tal concepção tem sido importante para entender e melhor contextualizar os processos de mudanças sintáticas, semânticas, morfológicas e fonológicas das línguas. Além destes pontos relevantes, que resultam em uma compreensão mais ampla sobre as línguas, o funcionalismo



também analisa as regras pragmáticas que permeiam o contexto social, relacionando-as às estruturas formais de uma língua. Entre os conceitos essenciais relacionados ao Funcionalismo está a iconicidade. Givón (1995, p. 34, tradução nossa) esclarece que, diferente do conceito de arbitrariedade<sup>1</sup> empregado no estudo das línguas naturais, a iconicidade reforça a ideia de que uma determinada gramática está em constante construção e esta é motivada de acordo com o meio onde está inserida<sup>2</sup>. Essa será a perspectiva adotada no estudo das relações verbais da presente pesquisa, isto é, levaremos em consideração que, a gramática de uma língua é motivada e modificada pelo uso discursivo.

Reforçando a ideia de naturalidade das mudanças de uma língua, Neves (1997, p. 16), alega que “(...) a gramática funcional tem sempre em consideração o uso das expressões linguísticas na interação verbal, o que pressupõe certa pragmatização do componente sintático-semântico do modelo linguístico”. Com relação a isto, Cunha (2017, p. 157) esclarece que os funcionalistas percebem a linguagem como algo que é um instrumento de interação social que desponta dentro da interação entre linguagem e sociedade. Como ainda explicado por Cunha (*op. cit.*), isto ocorre devido ao fato de a corrente funcionalista, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, que são abordagens mais formalistas, ter sido gerada a partir da necessidade que alguns pesquisadores tinham de explicar como a língua é afetada pelo ambiente onde é falada. Então, é possível afirmar que a corrente Funcionalista analisa a relação inerente entre discurso e gramática.

Os temas específicos a serem tratados neste trabalho têm como fonte de referência autores que são reconhecidamente especialistas em cada um deles. Sobre construção de verbos em série, ou, *Serial Verb Constructions* (SVC), Aikhenvald e Dixon (2006) e Haspelmath (2016) são as principais referências. Esses autores definem as SVCs como uma sequência de verbos que atuam como um predicado simples e que apresentam um conjunto de características, que varia de autor para autor, a serem discutidas no capítulo 3. Além das

---

<sup>1</sup> Segundo Saussure (1916/2012, p. 109), “(...) o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao seu significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade”.

<sup>2</sup> No original:“(...) above, the functional approach to grammar is founded on the assumption that grammar, like all biologically-based systems, is adaptatively motivated and thus in principle non-arbitrary.” (Givón 2001, p. 34).

SVCs, o estudo sobre como ocorrem os processos de gramaticalização é também um dos pontos principais desta pesquisa. Segundo Meillet (1912, p. 131, tradução nossa), gramaticalização é “a mudança de uma palavra autônoma para o papel de um elemento gramatical”<sup>3</sup>. Autor brasileiro, Rosário também tem trabalhos reconhecidos sobre esse tema e estes são aqui abordados. Em relação ao estudo sobre a iconicidade, Martelotta (2017), Wilson (2017) e Gívon (2001) dão embasamento para definição desse conceito e sua aplicabilidade nos processos de mudança linguística do Guajá.

Já para efeito de comparação, as estruturas subordinadas das línguas da família Tupí-Guaraní têm como fonte de referência diversos trabalhos de cunho funcionalista e estruturalista de autores especialistas em línguas desta família, tais como Rodrigues (2005) e (1984/85), Cabral (1996), Seki (2000), Praça (2007), da Cruz (2011), Magalhães (2007) entre outros.

### **0.3 Metodologia**

Sobre o levantamento de dados, a presente pesquisa foi realizada com caráter bibliográfico e qualitativo. O caráter bibliográfico se justifica pela necessidade de explorar conceitos já constituídos por autores relevantes nos temas abordados, sendo no caso desta dissertação aqueles que estudam as línguas da família Tupí-Guaraní, a gramaticalização, as construções seriais, e as relações sintáticas e pragmáticas entre verbos na sentença. Leite (2008, p.47) define a pesquisa bibliográfica como “a que é realizada através do uso de livros e de documentos existentes na Biblioteca. É a pesquisa cujos dados e informações são coletados em obras já existentes e servem de base para a análise e a interpretação dos mesmos, formando um novo trabalho científico”.

É preciso esclarecer que os dados aqui analisados são de fonte secundária, uma vez que não houve tempo hábil de realização de trabalho de campo, já que os Awa Guajá são um

---

<sup>3</sup> No original em Francês: “L’autre procede consiste dans le passage d’un mot autonome au rôle d’élémento grammatical”. (Meillet, 1912, p. 131).

povo de recente contato e a autorização para realizar pesquisa de campo em seu território costuma demorar mais do que as autorizações regulares. Sendo assim, a seleção bibliográfica aqui apresentada foi extraída dos textos já coletados e transcritos por Magalhães, em especial os dados presentes em sua tese, principalmente dados contidos no capítulo nove, Coordenação e Subordinação. Eventualmente também foram utilizados dados ainda não publicados, extraídos das notas de campo da pesquisadora/orientadora, todos indicados no texto. Vale destacar que Magalhães é pesquisadora desta língua há cerca de dezenove anos e que, de sua pesquisa, já resultaram uma dissertação, uma tese e artigos diversos não só no que tange à linguística, mas também à área de educação.

Ainda de acordo com Leite (2008, p. 47) “a pesquisa bibliográfica é fundamental, pois além de ser autônoma, isto é, independente das outras, serve de base, de alicerce para o fundamento e alcance dos objetivos dos outros tipos de pesquisa. Ela constitui a base também das próprias pesquisas descritiva e experimental”.

Vale ressaltar que além do caráter bibliográfico, a presente investigação também tem cunho descritivo e explicativo, uma vez que apresenta detalhadamente os fenômenos gramaticais elencados em termos formais, isto é, no que está relacionado à estrutura linguística e mudanças apresentadas no Guajá e também associa tais transformações à sua função, como tentativa de explicar e entender suas motivações.

Dessa forma, a pesquisa define-se também como qualitativa, sendo possível, por meio dela, discutir conceitos e explicitar análises.

## CAPÍTULO I

### Awa Guajá: povo e cultura

Antes de iniciar a análise sobre as sequências verbais do Guajá, consideramos relevante apresentar informações sobre seus falantes, o povo Awa Guajá, e compreender alguns pontos da sua cosmovisão.

Este povo indígena que se encontra hoje no noroeste do estado do Maranhão se autodenomina *Awa* palavra que significa “pessoa” e/ou “gente”, porém é mais conhecido na literatura como Guajá. Mais recentemente, decidiram por adotar o etnônimo Awa Guajá com o objetivo de unirem a autodenominação com a denominação externa (Magalhães, 2013). Por isso, esta é a maneira como eles serão referidos neste trabalho. Na literatura existente sobre os Awa Guajá, não é possível determinar com precisão há quanto tempo eles se encontram em terras maranhenses. Alguns pesquisadores acreditam que eles lá estejam desde o século XIX e que os primeiros registros sobre sua existência são datados do início do século passado, segundo dados mencionados no site da FUNAI.

Os primeiros contatos registrados ocorreram no início da década de 70, logo este é um povo de contato recente e alguns detalhes em relação a eles como sua origem, se houve imigração por parte do povo e há quantos anos estes existem como grupo étnico, ainda precisam ser mais profundamente investigados.

Ao pesquisar sobre como estes primeiros contatos ocorreram, Garcia (2010, p. 06) menciona que “(...) foram os *Awa* que apareceram aos brancos, e se quisessem nunca teriam feito contato”.

Ainda que este contato tenha sido estabelecido de forma recente, alguns trabalhos de pesquisa de cunho antropológico já foram realizados sobre os Awa Guajá, com destaque para a publicação de Garcia (2010, p. 17), que resume o que já se investigou sobre esses indígenas até agora:

Caçadores, habitantes das terras firmes do noroeste maranhense, estão desde o século XIX pelas cabeceiras dos rios Pindaré, Turiaçú e seus tributários. A origem dos Awa - Guajá é incerta na literatura, sabe-se que até o século XIX poderiam ser encontrados no leste do estado do Pará, e provavelmente atravessaram o Rio Gurupi chegando ao atual Maranhão no final daquele século. O registro da história Awa é comumente baseado na dos Ka'ápor e Tenetehara (Nimuendajú), e os Awa em si

passaram quase que invisíveis na história social do leste amazônico, e o Estado brasileiro, até os anos setenta, pouco ou nada sabia sobre eles.

Ainda segundo o autor (2010, p. 07), na história deste povo que atualmente soma cerca de 470 indivíduos (Magalhães, 2019, p. 898), não há registro de que eles alguma vez possuíram aldeias permanentes, situação que vêm experimentando há muito pouco tempo (menos de 40 anos).

O povo Awa Guajá é conhecido por ter uma vida nômade, ou seja, eles têm como uma de suas características o fato de não se fixarem em um local por muito tempo, mudando de lugar de acordo com necessidades específicas relacionadas à alimentação, morte ou fuga de inimigos (Garcia, 2010, p. 09). Os Awa Guajá, ao contrário dos demais representantes da família TG, não tiveram como parte da sua cultura alimentar a prática da agricultura, pelo menos até onde a memória sobre seus antepassados alcança. Pelo contrário, eles se destacam como caçadores exímios e pessoas habilidosas na arte da construção de materiais bélicos como arco e flecha. Vale ressaltar também que, enquanto outros povos se destacam por sua produção artesanal, os Awa Guajá não têm essa habilidade muito desenvolvida como tradição e tudo o que costumam produzir tem pouca durabilidade, o que se justifica pelo tipo de vida que sempre levaram, em deslocamento constante (Garcia, 2010, p. 09).

Embora eles não tenham o plantio e o cultivo de alimentos como prática tradicional, desde que se aproximaram dos agentes da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), estes os incentivaram a iniciarem pequenas plantações de mandioca, milho, abóbora e arroz que auxiliam na manutenção da sobrevivência em tempos de caça escassa. Ainda que esta incitação à prática de plantio esteja sendo realizada, há alguns contratempos em relação à cultura alimentar que estes mantêm ou estão desenvolvendo. Sobre este ponto especificamente, Lion esclarece (2008, p. 04):

Agora os Guajá estão em pleno crescimento populacional, mas, por outro lado, com menor disponibilidade de caça. Esta já é bastante ameaçada por diversos fatores, como: o desmatamento, tanto para a preparação das roças, cada vez mais distantes da aldeia, quanto para suprir interesses de não-índios; a proximidade da estrada de ferro Carajás, de onde se houve barulho de trem o dia todo, contígua à área indígena Caru; as rodovias, que cruzam ou passam rentes a todas as Terras; além das invasões de não-índios na Área Indígena, freqüentemente relatadas por eles.

Ainda sobre essa relação entre os indígenas e a FUNAI, as aldeias onde residem os Guajá possuem nomes que são na verdade nomes dos postos do órgão governamental citado anteriormente. São eles: Carú, Awa e Alto Turiaçú. Como ressalta Garcia (2010, p. 12) “não seriam nomes elaborados pelas comunidades, mas sim adequados pelos postos indígenas”.

Segundo os dados colocados em seu site oficial, a FUNAI declara sobre os Awa Guajá que estes já habitaram lugares junto aos rios Turiaçu, Capim, Pindaré e Gurupi. Porém, em 2013 uma Portaria do Ministério da Justiça garantiu aos Guajá direito de posse das terras citadas no parágrafo anterior como sua morada permanente. E isto só ocorreu depois de um longo tempo de disputa pela terra, iniciada principalmente por posseiros e madeireiros não indígenas, que ocupavam estes espaços de maneira ilegal.

Mesmo diante desta Portaria, os Awa Guajá passaram e ainda hoje vivenciam momentos delicados em relação à sua luta por suas terras contra madeireiros ilegais e invasores e, por vezes, vivem algumas situações de tensão até mesmo em relação aos outros povos indígenas que estão próximos a eles. Garcia (2010, p. 159) relata que os Guajá se sentem temerosos em função de algumas atitudes e conduta por parte dos Tenetehara (Guajajara). Estes, por serem em maior número, às vezes demonstram querer intimidar ao povo Guajá. Também relatam ter receio dos Ka'apor, por contarem que já tiveram suas mulheres raptadas por eles (Garcia, 2010, p. 150). Magalhães (comunicação pessoal) ressalta, no entanto, que a situação governamental adversa deste momento, em que temos um governo federal com discurso claramente anti-indígena, tem possibilitado alianças mais firmes entre estes três povos.

Para melhor visualizar os territórios habitados pelos Guajá, o próximo quadro mostra a localização das Terras Indígenas (TIs) Carú, Awa, Alto Turiaçú e Arariboia, sendo esta última a região onde há indícios apenas da presença de grupos ainda isolados, enquanto nas demais há aldeias bem estabelecidas.

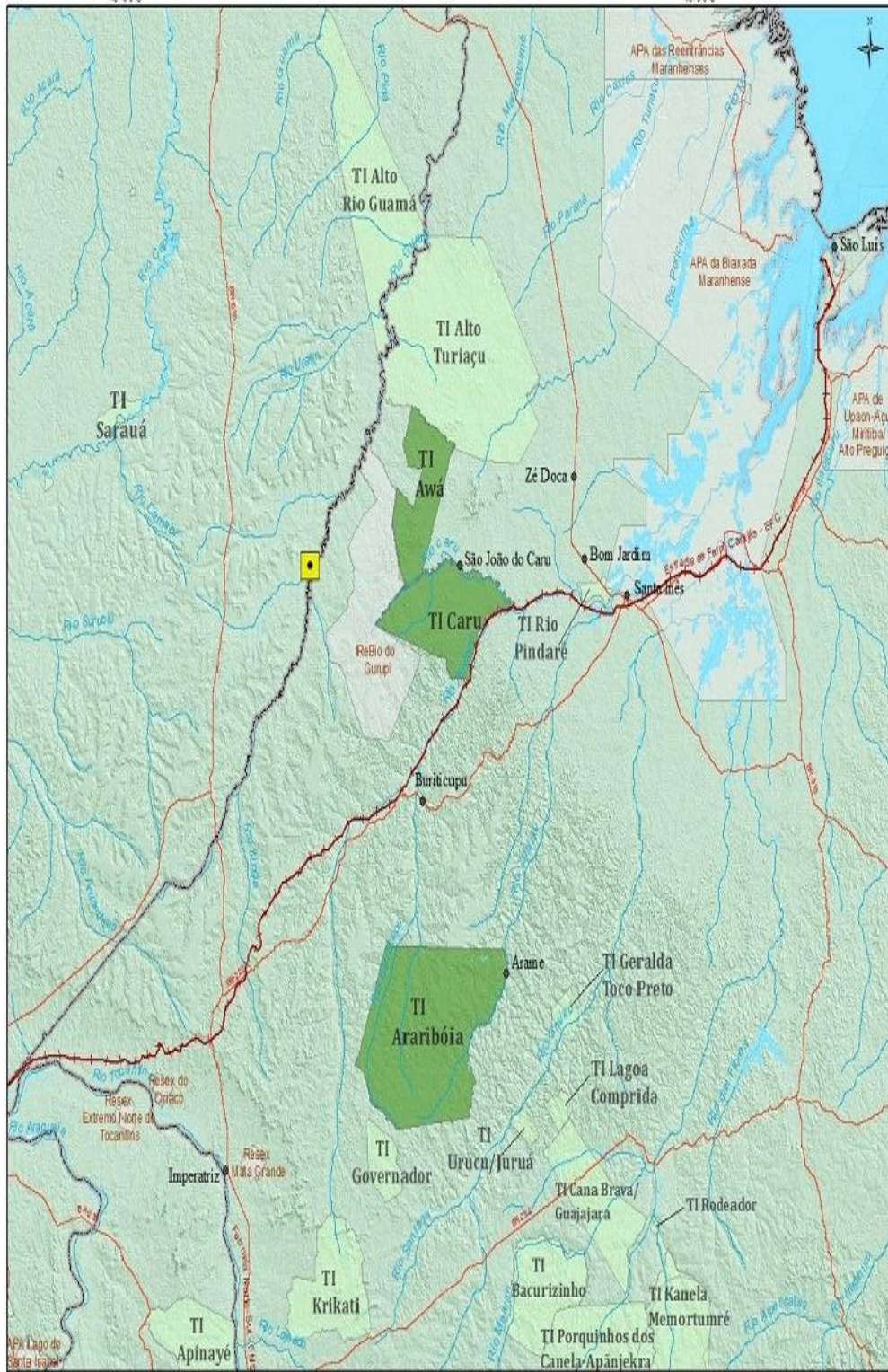


Figura 1: Mapa das Terras Indígenas (TIs) onde vivem os Awa Guajá (Fonte: Google < <https://boletimisolados.trabalhoindigenista.org.br/2015/12/09/awa-guja-sobrevivencia-na-floresta-remanescente/>>).

Por fim, vale ressaltar que, em sua história, os Guajá sofreram e têm sofrido as consequências drásticas de seu contato com o *karai* (não-indígena). Ainda segundo Garcia



(2010, p. 161) “após o contato, alguns morreram de gripe, malária e tuberculose”. Embora os efeitos desse encontro sejam sentidos até hoje por alguns que perderam parentes em virtude das doenças citadas acima, mas também pelas constantes invasões às suas terras, o povo Guajá resiste bravamente e nutre a esperança de manter suas raízes e suas tradições vivas ao longo dos anos, adaptando a vida na floresta, com a qual ainda se identificam muito, com a necessidade de circular e entender cada vez mais o mundo da sociedade não-indígena que os cerca.



Figura 2: Família Awa-Guajá da Aldeia Awa (Fonte: Google: <http://envolverde.cartacapital.com.br/a-eterna-resistencia-dos-awa-guaja/>)



## CAPÍTULO II

### A língua e sua estrutura

A língua Guajá pertence ao tronco Tupí e faz parte do subgrupo VIII da família Tupí-Guaraní (Rodrigues 1984/85), conforme ilustrado na figura abaixo.

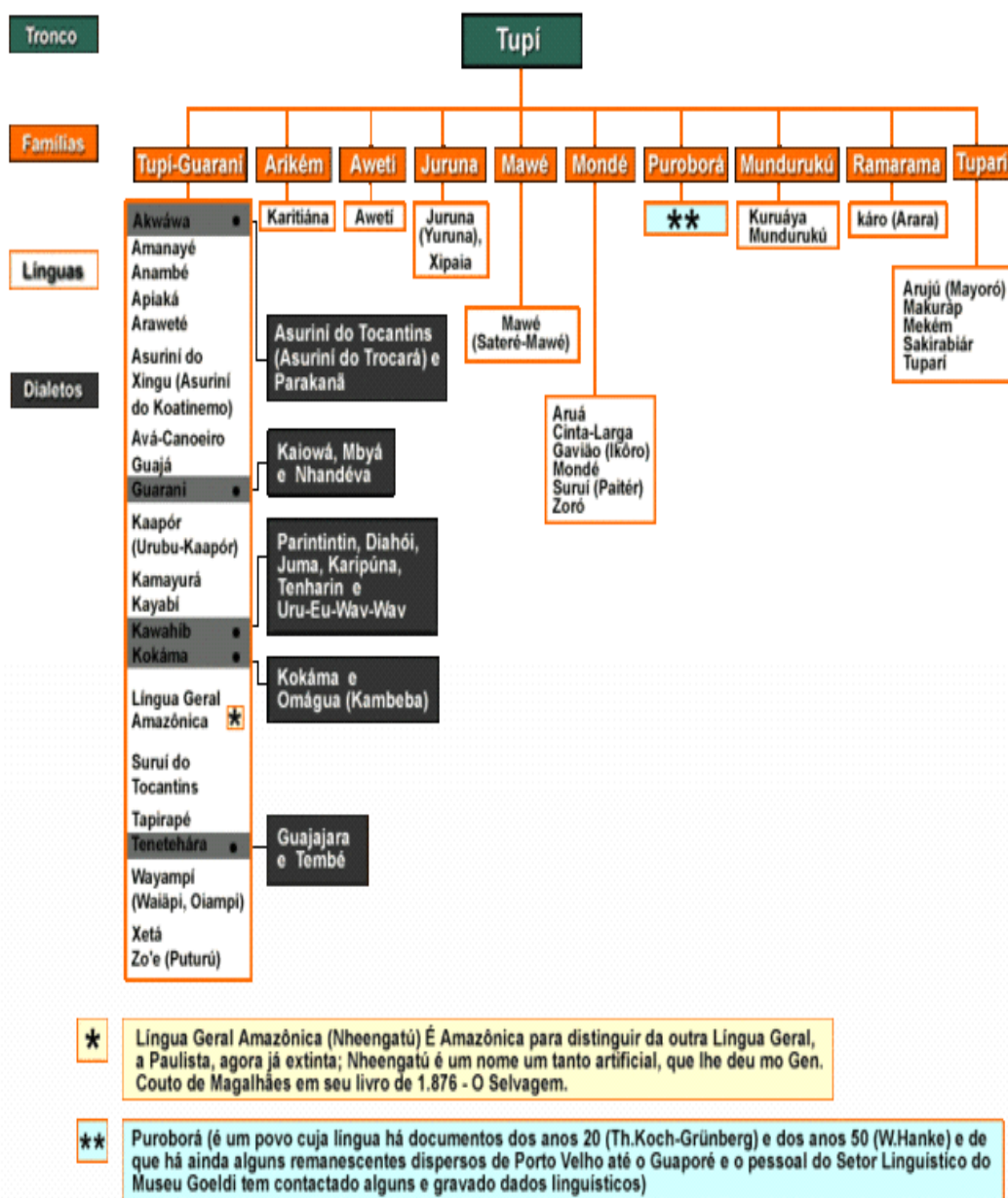


Figura 3– Tronco Tupí e suas famílias linguísticas  
(Fonte: Google. < <https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas>>)

No que se refere a sua estrutura, o Guajá é uma língua de núcleo à direita, isto é, os argumentos internos ficam à esquerda dos sintagmas, associados ao núcleo por meio de marcas de adjacência. Tem como classes de palavras lexicais: nomes, verbos, advérbios; e como classes não-lexicais: posposições, pronomes e partículas. Magalhães e Mattos (2014, p. 264) descrevem o Guajá como uma língua de cisão intransitiva<sup>4</sup> e Magalhães, Praça e da Cruz (2017, p. 46) apresentam evidências de que o Guajá, assim como as demais línguas da família, é descendente de uma língua ancestral omnipredicativa por ter, entre outras características importantes, tanto nomes (ex. 1) como verbos (ex. 2) e expressões adverbiais<sup>5</sup> (ex. 3) funcionando primariamente como predicado, ou seja, não é necessária a utilização de cópula para que nomes e expressões adverbiais ocupem a posição de núcleo de predicado. Segundo Rodrigues (1996, p. 12 e 13), ter nomes funcionando como predicados é uma característica comum em línguas da família Tupí-Guaraní.

1. *ha = r-a'-y*

1SG.II = R-filho

'Eu tenho filho' (Magalhães e Mattos, 2014, p. 253)

2. *a-kere*

1SG.I-dormir

'Eu dormi' (Magalhães e Mattos, 2014, p. 253)

3. *Karamajru-a i-pury*

Karamajru-RFR 3.II –junto

---

<sup>4</sup> De acordo com Mattos (2015, p. 09): "Cisão intransitiva (CI) é um termo genericamente utilizado para denominar a existência de duas subclasses de verbos intransitivos, que contrastam em algum aspecto da língua, evidenciando um comportamento distinto entre elas. A CI pode se manifestar de diversas maneiras e pode estar explícita na morfologia da língua – tal como na marcação de caso ou na codificação dos argumentos – ou subjacente a determinados mecanismos sintáticos – seleção de verbos auxiliares, construção de causativas, inversões na ordem, entre outros".

<sup>5</sup> As expressões adverbiais são um grupo que inclui os advérbios, os nomes associados ao sufixo locativo *-pe* e os sintagmas posposicionais. (Magalhães, comunicação pessoal).

‘Karamajrua está perto dele’ (Magalhães, 2007, p. 56)

Entretanto, apesar dessa equivalência entre as três classes de palavras no acesso à função predicativa, há uma tendência da língua Guajá de perder, gradativamente, características omnipredicativas mais prototípicas, já não permitindo mais, por exemplo, que verbos funcionem como argumento sem que antes sejam nominalizados (Magalhães, Praça e da Cruz, 2017, p. 46), conforme se pode observar no ex. 4:

4. *ha = Ø-kere-ha-Ø*                      *i-muku*  
1SG.II = R-dormir-NZR-RFR      3.II-ser.longo  
‘Minha dormida foi longa’ (Magalhães e Mattos, 2014, p. 254)

No Guajá, a classe dos nomes caracteriza-se morfologicamente por ser a única classe lexical que admite flexão com o sufixo nominal *-a* (ex.5), com o sufixo casual locativo *-pe*<sup>6</sup>(ex.6) e pode receber o sufixo de atualização nominal retrospectiva *-ker* (ex.7), o sufixo de atualização nominal prospectiva *-rÿm* (ex.8). e o sufixo coletivizador *-ker* (ex.9). Ainda segundo Magalhães (2007, p. 15), são estas singularidades que diferenciam esta classe de palavras das demais.

5. *tapi'ir-a*      *Ø-manũ*  
anta- RFR      3.I-morrer  
‘A anta morreu’ (Magalhães, 2007, p. 16)

6. *tapi'i ka'a-pe*  
anta      mato-LOC  
‘A anta está no mato’ (Magalhães, 2007, p. 16)

---

<sup>6</sup> Vale ressaltar que este morfema trata-se realmente de um sufixo locativo e não de uma posposição, uma vez que estas são sempre palavras independentes e tônicas, enquanto o sufixo locativo é átono, sendo parte do nome a que se afixa. (Magalhães, comunicação pessoal).

7. *h-awy-ker-a*  
 3.II-sangue-RETR-RFR  
 ‘Sangue (derramado)’ (Magalhães, 2007, p. 26)
8. *ha = r-ipa-rŷm-a*  
 1SG.II =R-casa-PROSP-RFR  
 ‘Minha casa (futura/virtual)’ (Magalhães, 2007, p. 163)
9. *awa-wanihã-ker-a*                    *i-mymyr-a*                     $\emptyset$ -*pyhy* *wŷ*  
 Guajá-homem-COL-RFR                    3.II-filho- RFR                    3.I-pegar    PLU  
 ‘Um grupo de Awa Guajá homens pegaram seus filhos’ (Magalhães, 2007, p. 148)

A classe dos verbos pode ser subdividida em transitivos e intransitivos, havendo cisão na classe dos intransitivos. Caracteriza-se morfologicamente pelo fato de estes não poderem receber flexão com os sufixos relacionados aos nomes, embora admitam flexão pessoal por meio de prefixos, como os nomes e as posposições, conforme veremos mais adiante. Podem ser nominalizados por meio do sufixo nominalizador de agente de verbo transitivo *-ahar* (ex. 10), nominalizador de paciente sem expressão do agente *-ipyry* (ex.11), nominalizador de paciente com agente expresso *-imi* (ex. 12), nominalizador de circunstância/lugar *-aha* (ex.13) e somente esta classe de palavras pode ser causativizada por meio dos sufixos causativo direto *mi-* e causativo indireto *-ka ~ -aka*. No dado de número 14 emprega-se o prefixo causativo *mi-*, e no último exemplo (15) o sufixo causativo *-aka*.

10. *a'e i-pyhyk-ahar-a*  
 DEM 3.II-pegar-NZR-RFR  
 ‘Ele é o pegador (dele)’ (Magalhães, 2007, p. 210)
11. *arapaha*                     $\emptyset$ -*ika-pyr-y'ŷm-a*                    *a-ika*                    *ta*  
 veado                    R-matar-NZR-NEG-RFR                    1SG.I-matar                    PROJ  
 ‘Eu vou matar o veado que não foi morto’ (Magalhães e Mattos, 2014, p. 256)
12. *ha=n-imi-'u-a*                    *a-'u*                    *ta*  
 1SG.II=R-NZR-comer- RFR                    1SG.I-comer                    PROJ

*ha=Ø-wata-ha*                      *r-ipi*              *ka'a* *r-ipi*  
 1SG.II=R-caminhar- NZR              R-por              mata R-por

‘Vou comer minha comida durante a caminhada pela mata’ (Magalhães, 2007, p. 40)

13. *karai*              *Ø-iwyr-aha- 'ym-a*              *ari-xa*  
 não.índio      3.I-voltar-NZR-NEG-RFR      2PL.I.-ver  
*ta*              *are=Ø-ka'a*              *r-ehe*  
 PROJ              2PL.II=R-mata              R-em.cima

‘Eu quero ver a não volta dos não-índios na nossa mata’  
 (Magalhães, 2007, p. 285)

14. *a-mi-me'ẽ*              *kamẽ*  
 2/IMP-CAUS -olhar      PROIB

‘Não o acorde’ (Magalhães, 2007, p. 188)

15. *a-xak-aka*              *i-pe*  
 2/IMP-ver-CAUS      3.II-DAT

‘Mostre para ele’ (Magalhães, 2007, p. 57)

Em relação aos advérbios, Magalhães (2007, p. 36) diz que: “Os advérbios, diferente dos verbos e nomes, são uma classe lexical mista semântica, morfológica e sintaticamente”. Estes podem ser advérbios simples ou expressões adverbiais complexas. Estas últimas são resultantes de construções particulares que funcionam como adjuntos circunstanciais da oração. As características semânticas e morfológicas dos advérbios podem variar conforme o tipo de expressam adverbial, sendo elas classificadas em locativas, translativas, temporais e de maneira.

Expressões adverbiais locativas podem ser resultantes da associação de um nome com um sufixo do caso locativo (ex.16) ou podem ser expressas por meio de um sintagma posposicional que expressa lugar (ex 17).

16. *Akamytỹ-a*      *Ø-aho*      *kwy*      *ha-jpa-pe*  
 Akamytỹ-RFR      3.I-ir      ali      3.II-casa-LOC

‘Akamytỹ foi ali na casa dele’ (Magalhães, 2007, p. 37)

17. *aru-'u harawa kahu r-ape r-ipi*  
 1PL.EXCL.I-comer CTP2 carro R-caminho R-por  
 ‘Trouxemos para comer pela estrada (pelo caminho do carro)’ (Magalhães, 2007, p. 37)

Expressões adverbiais translativas são formadas por construções adverbiais formadas por nomes que recebem o sufixo do caso translativo.

18. *jaha a-jku ta Ø-papejapohar-eme*  
 eu 1SG.I-ficar PROJ 3.II- professor-TRANS  
 ‘Eu vou ficar como professora (lit. eu vou virar professora)’  
 (Magalhães, 2007, p. 39)

Expressões adverbiais temporais são aquelas que localizam o evento em relação ao tempo de sua realização. Podem codificar um ponto específico no tempo ou vários aspectos temporais de um evento. Caracterizam o evento, o estado ou a existência de uma entidade como um todo e, portanto, têm a oração inteira sob seu escopo. Estes são formados por construções particulares constituídas por verbos nominalizados associados ao sufixo de caso locativo empregado junto a um verbo nominalizado (ex.19) ou a sintagmas posposicionais (ex.20), que promovem uma leitura temporal, ou sintagmas nominais empregados juntamente com o a partícula *mehẽ* ‘quando’ (ex.21).

19. *Ø-xu'u irami'ĩ-a Ø-iwyr-aha-pe*  
 3.I-morder jararaca-RFR 3.II-voltar-NZR-LOC  
 ‘A jararaca (o) mordeu durante a volta dele’ (lit. ‘... na volta dele’)  
 (Magalhães, 2007, p. 39)

20. *ha = n-imi-'u-a a-'u ta ha = Ø-wata-ha*  
 1SG.II=R-NZR -comer-RFR 1SG.I-comer PROJ 1.II=R-caminhar-NZR  
*r-ipi ka'a r-ipi*  
 R-por mata R-por  
 ‘Vou comer minha comida durante a caminhada pela mata’  
 (Magalhães, 2007, p. 40)

21. *ari-u ikwã=mehẽ kahu-pe*  
 2SG.I-vir dia.seguinte=quando carro-LOC  
 ‘Vimos no dia seguinte de carro’ (Magalhães, 2007, p. 40)

Por fim, os advérbios de maneira têm por escopo o núcleo do predicado e sua função é modificá-lo acrescentando a ele outro significado. Isto pode ser realizado por meio de partículas intra-predicado que expressam noções adverbiais (ex. 22), ou quando o demonstrativo *kĩ* ‘assim’ junto à partícula *mehẽ* ‘quando’ formam a construção adverbial de modo *kĩ = mehẽ* ‘assim’ (ex. 23). Há também o único advérbio de maneira *mutuhũ* ‘sozinho’, que é empregado junto ao item lexical a que se refere (ex. 24).

22. *n = i-’ĩ-katy-j a’ia<sup>7</sup>*  
 NEG = 3.II-falar-bem-NEG DEM  
 ‘Ele não fala muito bem’ (Magalhães, 2007, p. 43)

23. *Ø-manũ ta kĩ = mehẽ*  
 3.I- morrer PROJ assim=quando  
 ‘Quando for assim ele vai morrer!’ (Magalhães, 2007, p. 44)

24. *jaha mutuhũ a-jaho ka’a-pe*  
 eu sozinho 1SG.I-ir mato-LOC  
 ‘Eu, sozinho, fui para o mato’ (Magalhães, 2007, p. 44)

Já as posposições, de acordo com Magalhães (2007, p. 53) “formam uma classe fechada de palavras que estabelece relações gramaticais com seus determinantes formando

---

<sup>7</sup> Vale ressaltar que em outras línguas da família TG os cognatos da partícula de maneira *katy* ‘bem’ funcionam como verbos plenos, porém no Guajá esta é empregada junto a verbos e não de maneira independente. (Magalhães, 2007, p. 123).

sintagmas posposicionais com função sintática de complementos circunstanciais da oração”. A autora, em trabalhos mais recentes, ressalta ainda que as posposições se ligam obrigatoriamente ao seu objeto (ou argumento interno) que pode ser expresso por nomes (ex. 25), pronomes (ex.26), demonstrativos (ex.27) e alguns verbos (ex.28).

25. *Aware r-ipa r-ake*

Auré R-casa R-perto

‘Perto da casa dos Auré’ (Magalhães, 2007, p. 54)

26. *Ø-aho ni = Ø-pyry*

3.I-ir 2SG.II = R-junto

‘Foi para junto de você’ (Magalhães, 2007, p. 54)

27. *ara-kwa kwe r-ipi*

1PL.EXCL-passar lá R-por

‘Passamos por lá’ (Magalhães, 2007, p. 54)

28. *jaha ni = n-ixa ha = Ø-kere r-ipi*

eu 2SG.II = R-ver 1SG.II = R-dormir R-por

‘Eu te vi no meu sonho’ (lit. ‘eu te vi pelo meu dormir’)<sup>8</sup>

(Magalhães, 2007, p. 54)

No que se refere à classe das partículas, pode-se defini-la como uma classe de palavras independentes que expressam conteúdo exclusivamente gramatical, são invariáveis e têm posição fixa em relação à sentença ou a elementos específicos na oração. Diferem dos advérbios do Guajá, pois estes podem se deslocar dentro da sentença, ou seja, não têm posição rígida. O conteúdo gramatical expresso pelas partículas é extremamente variado, podendo elas indicar aspecto, foco contrastivo, evidencialidade, dêixis, modalidade, pluralidade, entre

---

<sup>8</sup> No Guajá encontramos alguns dados em que o complemento do sintagma posposicional é um verbo e não um nome, como neste exemplo. (Magalhães, comunicação pessoal).



várias outras noções. As que serão abordadas com maior detalhe neste estudo serão as partículas posicionais, direcionais e as partículas de aspecto projetivo e progressivo, todas resultantes da gramaticalização de verbos. Esta classe gramatical e suas características serão melhor explicadas no capítulo 4.

Além das classes de palavras, é essencial apresentar as marcas morfológicas de pessoa do Guajá, que ocorrem no núcleo dos diferentes tipos de predicados expressando seus argumentos por meio das séries I ou II nas orações independentes. De acordo com Magalhães e Mattos (2014, p. 257), a série I é composta de prefixos pessoais que quando relacionados a verbos transitivos marcam o argumento com papel semântico de agente, além do argumento único de verbos intransitivos eventivos, conforme exemplos (29) e (30), respectivamente:

Série I	
<i>a-</i>	1 SG
<i>ari-</i>	2 SG
$\emptyset$ -	3
<i>xi-</i>	1 PL. INCL.
<i>ari-</i>	1 PL. EXCL.
<i>pi-</i>	2 PL

Quadro 2– prefixos pessoais da Série I

Exemplo de verbo transitivo com marca da série I expressando agente:

29. *a-manõ kawajuhu-pe anỹ*  
 1SG.I -colocar assadeira- LOC CONJ  
 ‘E coloquei (a massa) na assadeira’. (Magalhães, 2007, p. 187)

Verbo intransitivo eventivo com marca da série I expressando o seu único argumento:

30. *a-wyhy*  
 1SG.I -correr  
 ‘(Eu) corri’ (Magalhães e Mattos, 2014, p. 258)

Em relação à série II, esta é formada por marcadores clíticos que são associados ao núcleo do predicado por meio de um prefixo de adjacência (mais comumente conhecido como prefixo relacional (Rodrigues, 1990)) e expressam o argumento com papel semântico de

paciente no verbo transitivo, sendo a marca de terceira pessoa diferente das demais por ser tratar de um prefixo<sup>9</sup>. Um fato interessante sobre o Guajá e as línguas da família Tupí-Guaraní é que os marcadores da série II são transcategoriais, ou seja, ocorrem não apenas com verbos transitivos, mas também com verbos intransitivos estativos, nomes e posposições, sempre expressando o argumento interno dos seus respectivos sintagmas, conforme é possível observar nos próximos exemplos do Quadro 3.

Série II	
<i>ha=</i>	1SG
<i>ni=</i>	2 SG
<i>i- ~ h-</i>	3
<i>are=</i>	1 PL
<i>pĩ=</i>	2PL

Quadro 3 – Marcadores pessoais da Série II

Verbo transitivo com marca da Série II expressando seu argumento paciente (interno):

31. *nijã ha = r-ixa*

você 1SG.II = R-ver

‘Você me viu’ (Magalhães, 2007, p. 187)

Verbo intransitivo estativo com marca da série II expressando seu único argumento (interno):

32. *i-pa'aruhy*

3.II-estar.grávida

‘Ela está grávida’ (Magalhães, 2007, p. 133)

Nome com marca da série II expressando seu possuidor/argumento interno:

33. *i-mymyr-a*      *Ø-kere*

---

<sup>9</sup> Diferentemente de Rodrigues (1990), que interpreta como prefixo relacional de não-contiguidade esse morfema, aqui entendemos ter ele a função de marca de 3ª pessoa, parte do mesmo paradigma das marcas da série II. (Magalhães, comunicação pessoal).

3.II-filho-RFR      3.I-dormir

‘O filho dela está dormindo’ (Magalhães, 2007, p. 188)

Posposição com marca da série II expressando seu argumento interno:

34. *i-hi-a*      *h-ake*

3.II-mãe-RFR    3.II-perto

‘A mãe dela está próxima’ (Magalhães, 2007, p. 61)

Conforme dito acima, os verbos são classificados como transitivos e intransitivos, de acordo com o número de argumentos que admitem, sendo que cada um desses tipos contém verbos que podem ocorrer com ou sem complementos.

Os verbos transitivos possuem vaga morfológica somente para a expressão de um dos argumentos. Assim, a realização do argumento agente ou paciente no núcleo do verbo por meio da série I ou II, respectivamente, vai ocorrer de acordo com uma hierarquia de pessoa e referência cuja regra é  $1 = 2 > 3$ , isto é, as pessoas intralocutivas (1ª e 2ª pessoas) são hierarquicamente superiores às pessoas extralocutivas (3ª pessoas) e, sendo assim, aquelas têm prioridade para serem marcadas no núcleo do predicado verbal transitivo.

Já em relação aos verbos intransitivos, Magalhães e Mattos (2014, p. 261) afirmam que “o Guajá apresenta uma cisão interna na classe de verbos monovalentes, uma cisão ativo-estativa marcada morfológicamente pelos marcadores pessoais”. Assim, estes podem ser subdivididos em eventivos e estativos. Vale ressaltar que verbos eventivos são aqueles que expressam situações dinâmicas, eventos ou situações onde ocorre alguma coisa. Já os estativos são os verbos que remetem a estados ou qualidades. A série I marca o argumento único da oração que tem como núcleo verbos eventivos (ex. 35) e a série II marca o argumento único dos verbos estativos (ex. 36).

Verbo intransitivo eventivo, marcado pela série I:

35. *jawar-a*      *Ø-kere*

cachorro-RFR    3.I-dormir

‘O cachorro dormiu’ (Magalhães e Mattos, 2014, p. 259)

Verbo intransitivo estativo, marcado pela série II:

36. *Majakatỹ-a*      ***h-ahy***  
Majakatỹ RFR      3.II-estar doente  
'Majakatỹa está doente' (Magalhães e Mattos, 2014, p. 259)

Assim, de maneira geral, podemos afirmar que a série I, exclusivamente verbal, expressa a pessoa do argumento externo, que tem papel semântico prototipicamente de agente, e a série II, que ocorre com verbos, nomes e posposições, expressa a pessoa do argumento interno, com papel semântico prototipicamente paciente.

Ainda de acordo com Magalhães e Mattos (2014, p. 257), em orações subordinadas, a única maneira de expressar a pessoa no núcleo do predicado é por meio da série II, independentemente da natureza verbal ou não verbal do núcleo do predicado e independente de sua valência, isto é, se transitivos ou intransitivos. Isso se explica pelo fato de que as orações subordinadas têm estrutura menos finita e a marcação de pessoa, sempre por meio da série II nesses contextos, deixa explícita a semelhança entre os predicados subordinados e os predicados não verbais.

A estrutura básica da língua Guajá apresentada neste capítulo é fundamental para a compreensão do tema principal desta dissertação, a ser abordado a partir do próximo capítulo.

## CAPÍTULO III

### Os diferentes tipos de sequências verbais e seu nível de integração

A língua Guajá possui diferentes tipos de construções em que verbos lexicais ocorrem em sequência na sentença e possui também partículas resultantes de processos de gramaticalização de verbos. Observados esses fenômenos, apresentaremos o resultado de uma investigação sobre como os processos de gramaticalização de verbos em partículas podem estar relacionados com sequências verbais nesta língua. Por fim, relacionaremos as modificações ocorridas com sua motivação discursiva. Neste capítulo, em especial, apresentamos as diferentes estruturas verbais que fazem parte da língua estudada, começando pelas orações coordenadas, passando pelas subordinadas e chegando às construções verbais seriais presentes no Guajá. No final do capítulo, associamos as distintas relações de proximidade sintática entre os verbos nas construções apresentadas com seu significado em termos de expressão de eventos mais ou menos inter-relacionados, o que será melhor compreendido levando-se em consideração o princípio da iconicidade.

#### 3.1. Orações Coordenadas

No Guajá é possível ocorrer uma sequência de vários núcleos de predicados verbais independentes, justapostos numa mesma sentença. Sentenças deste tipo são constituídas por uma coordenação de orações independentes. O exemplo 37 mostra a possibilidade que a língua apresenta de ter duas orações coordenadas justapostas, sem conjunção.

37. *a'e pãj Ø-iku kamara Ø-iku i-pyry*  
DEM todos 3.I-ficar indígena 3.I-ficar 3.II-junto  
'Eles todos ficaram, e os indígenas ficaram junto com eles'  
(Magalhães, 2011- notas de campo não publicadas)

38. *jawar-a h-amãj leãw-a h-amãj ra'o*  
onça-RFR 3.II-grande leão-RFR 3.II-grande muito  
'A onça é grande, mas o leão é maior' (Magalhães, 2007, p. 259)

Observe que nas sentenças anteriores, cada verbo expressa seu sujeito de maneira independente, por meio de marcadores da série I, se o verbo for eventivo (ex. 37), ou por meio dos marcadores da série II, se o verbo for estativo (ex. 38).

Quando as duas orações coordenadas compartilham o mesmo sujeito, este é expresso também em cada verbo eventivo que compõe as orações independentes por meio da Série I de marcadores pessoais, conforme é possível atestar no exemplo 39, onde o sujeito dos verbos é o mesmo, mas as orações têm objetos distintos. Segundo Magalhães (2007, p. 257), diferentemente de outras línguas da família Tupí-Guaraní, no Guajá, quando se expressa sequência de eventos com o mesmo sujeito, os verbos ocorrem na forma independente e não na forma subordinada.

39. *Ø-raho*            *karai*            *takwarake*            *pĩ=Ø-me*,  
 3.I-levar            não-indígena            arroz            2PL.II=R-DAT  
*Ø-raho*            *karai*            *kamana'ĩ*            *pĩ=Ø-me*,  
 3.I-levar            não-indígena            feijão            2PL.II=R-DAT  
*Ø-raho*            *ma'atika*            *pĩ=Ø-me*  
 3.I-levar            gasolina            2PL.II=R-DAT

‘Os não-indígenas levaram arroz para vocês, os não indígenas levaram feijão para vocês e levaram gasolina para vocês’ (Magalhães, 2011 – notas de campo não publicadas)

Já o exemplo 40 ilustra uma estrutura em que duas orações independentes compartilham o mesmo sujeito, expresso pelo marcador pessoal da série I *a*-(1SG) realizado independentemente em cada verbo, e também compartilham o mesmo objeto, expresso pelo sintagma nominal (SN) *xahua* ‘porcão’.

40. *a-jka*            *xahuu-a*            *a-mike'ẽ*            *ka'a-pe*  
 1SG.I-matar porcão-RFR    1SG.I-moquear    mato-LOC

‘Matei o porcão e o moqueei no mato’ (Magalhães, 2007, p. 258)

As orações de (38) a (40) ocorrem numa relação de coordenação: sem conectivos e sem marcadores de subordinação. Neste caso, os verbos são formalmente independentes um em relação ao outro e expressam eventos separados. A justaposição de orações independentes no Guajá pode expressar relações de temporalidade (sequência de eventos) como em (ex.40),

e também podem expressar relações semânticas de adição (ex.41) ou contraste (ex.42), comparação e alternância, conforme os dados a seguir.

41. *karai-a pape Ø-japo Ø-roho ta mĩ Parasi r-ipi*  
 não-índio-RFR documento 3.I-fazer 3.I-levar PROJ lá Brasília R-por  
 ‘O não-índio escreveu um documento e vai levar lá para Brasília’  
 (Magalhães, 2007, p. 258)

42. *n=ani-jaho-py-j nijã ari-jaho ta 'akwy kyry'y*  
 NEG=2SG.I-ir-primeiro-NEG você 2SG.I-ir PROJ agora MUD  
 ‘Primeiro você não quis ir, mas agora você quer ir’ (Magalhães, 2007, p. 259)

Vale ressaltar que, no que se refere à entonação das orações justapostas, estas não têm pausas entre si, isto é, não se comportam fonologicamente como orações que se encontram em sentenças distintas (Magalhães, 2007, p. 257).

Outra evidência de que este tipo de sentença estabelece uma relação de coordenação entre duas orações justapostas é a negação. Segundo Magalhães (2007, p. 259), o uso dos morfemas  $n(V) = \dots-i \sim -j$  nas orações coordenadas, que negam predicados de orações independentes, “atesta a independência de um verbo da sequência em relação ao outro”. Isso porque, caso o segundo verbo figurasse em sentença subordinada, e não coordenada, ele seria negado por meio de outro morfema,  $-y'y\dot{m}$ . O exemplo abaixo ilustra essa evidência:

43. *a-kere n=a-ja'o-j*  
 1SG.I-dormir NEG=1SG.I-chorar- NEG  
 ‘Eu dormi e não chorei’ (Magalhães, 2007, p. 284)

Também faz parte da estrutura gramatical da língua Guajá a ocorrência de dois predicados independentes, com sujeitos distintos (ex.44) ou compartilhando o mesmo sujeito (ex.45), relacionados entre si por uma partícula aditiva  $an\dot{y} \sim n\dot{y}$  cuja função é a de estabelecer a ligação semântica entre as distintas orações.

44. *awa 'yr-a ari 'u amõ ari 'u awa-Ø ari 'u*  
 criança-RFR 1PL.I-comer outro 1PL.I-comer Guajá-RFR 1PL.I-comer  
*pira-Ø i-pyry anỹ*  
 peixe-RFR 3.II-junto conj  
 ‘As crianças, os outros Guajá e nós comemos peixe junto com ele’  
 (Magalhães, 2007, p. 260)
45. *o- 'o Iwta manã wỹ nỹ o- 'o Arika manã*  
 3-tirar Hilton CTF2 PLU CONJ 3-tirar Olegário CTF2  
*wỹ nỹ o- 'o Nanaxĩ manã wỹ nỹ*  
 PLU CONJ 3-tirar Nonatinho CTF2 PLU CONJ  
 ‘Eles tiraram o Hilton, tiraram o Olegário e tiraram o Nonatinho’  
 (Magalhães, 2007, p. 260)
46. *jaha h-a 'o-ker-a a- 'u i-pi 'a-ker-a*  
 eu 3.II-carne-RETR-RFR 1SG.I-comer 3.II-fígado- RETR-RFR  
*a- 'u anỹ*  
 1SG.I-comer CONJ  
 ‘Eu comi a carne dele e comi o fígado dele também’  
 (Magalhães, 2007, p. 93)

Em resumo, as orações coordenadas mostram um nível mínimo de integração na sentença, sendo unidas apenas pela ausência de pausa ou por partícula conjuntiva, mas apresentando a mesma característica de orações independentes: a marcação independente dos seus argumentos no núcleo de cada predicado verbal com a série I no caso dos verbos eventivos, e com a série II no caso dos verbos estativos, sem qualquer outra marcação morfológica no verbo.

### 3.2 Subordinação semântica

Diferentemente da coordenação de orações independentes apresentada acima, o Guajá apresenta a possibilidade de subordinar semanticamente um evento em relação a outro a partir da junção de duas orações formalmente independentes. Como sintetiza Magalhães (2007, p.



275), “a subordinação semântica ocorre quando duas orações independentes ocorrem imediatamente uma após a outra e a associação de seus significados constitui uma sentença coesa, mas sem um marcador sintático de subordinação”. A autora ainda esclarece que na língua Guajá podem ocorrer dois processos em que estruturas atestadas em orações independentes resultam em subordinação semântica quando associadas uma à outra. O primeiro processo consiste em associar as orações de forma que a segunda seja empregada no modo exortativo (ex. 47) indicando finalidade e, no outro processo, a primeira oração ocorre no modo indicativo associada à partícula aspectual imperfectiva *xi* (ex. 48), indicando, neste caso, a noção semântica de condição.

47. *a-mũ*      *iha = Ø-pé*      *t = a-xá*      *jaha*      *nỹ*  
 2/IMP-dar 1SG.II = para      EXO = 1SG.I-ver      eu      CONJ  
 ‘Me dê para que eu veja também!’ (Magalhães, 2007, p. 276)

48. *Ø-wahy*      *ta*      *xi*      *Maraja-Ø*      *h-awirok-aha*      *ta*  
 3.II-mulher      PROJ      IMPERF      Marajá-RFR      3.II-nomear-NZR      PROJ  
*Ø-wanihã*      *ta*      *xi*      *na 'axi*      *h-awirok-aha*      *ahameri*  
 3.II-homem      PROJ      IMPERF      não.há      3.II-nomear-NZR      ainda  
 ‘Se for mulher o nome vai ser Marajá, se for homem ainda não tem nome’  
 (Magalhães, 2007, p. 278)

A subordinação semântica mostra, assim, em relação às orações coordenadas, um maior nível de integração entre os verbos na sequência oracional uma vez que há uma dependência, ainda que não sintática, mas semântica, de uma oração em relação à outra.

### 3.3. Orações Subordinadas

No que tange às orações subordinadas, estas se diferenciam das orações principais, pois, enquanto a oração principal marca seus argumentos da mesma maneira que as orações independentes, as subordinadas apresentam um elemento subordinador inserido em sua estrutura, realizam a marcação de seus argumentos exclusivamente por meio da série II ou ocorrem sem marca de pessoa (mas nunca expressam a pessoa por meio da Série I, típica de

orações independentes, mesmo com verbos eventivos), além de não estarem sujeitas à hierarquia de pessoa<sup>10</sup>. As orações subordinadas podem ser classificadas em:

### 3.3.1 Orações subordinadas adverbiais temporais

Estas são orações adverbiais caracterizadas por expressar referencialidade temporal simultânea com relação ao evento da oração principal e só ocorre quando o sujeito da oração principal é diferente do sujeito da subordinada. O morfema subordinador desse tipo de oração é a partícula *mehẽ* ~ *amehẽ*, que se associa a temas verbais. Observe que a expressão dos argumentos ocorre por meio da Série II (ex. 49) ou de sintagma nominal associado ao núcleo do predicado subordinado por meio de prefixo relacional (ex. 50), como nas demais orações subordinadas.

49. *nijã ari-jaho aha ni = n-aka mehẽ jaha*  
você 2SG.I-ir CTF 2SG.II = R-procurar quando eu  
'Você foi embora quando eu te procurei' (Magalhães, 2007, p. 270)

50. *jaha a-xa Matỹkajn-a kypy Ø-'u mehẽ*  
eu 1SG.I-ver Madalena-RFR cupuaçu R-comer quando  
'Eu vi quando Madalena comeu cupuaçu' (Magalhães, 2007, p. 270)

### 3.3.2 Oração subordinadas adverbiais consecutivas

Estas orações indicam que o evento expresso pelo núcleo do predicado acontece anteriormente ao evento expresso pela oração principal. A marcação deste tipo de oração

---

<sup>10</sup> O que define o argumento que ocorre marcado no núcleo da oração subordinada é o tipo de verbo desta oração. Se for um verbo transitivo o argumento expresso será o que exerce função de objeto, se for verbo intransitivo o argumento expresso será seu argumento único, com papel de sujeito. (Magalhães, comunicação pessoal).

ocorre com a partícula *nẽ* ~ *anẽ* e segue o mesmo padrão de marcação de argumento das demais anteriormente descritas:

51. *a-kere-py*                      *tapo*      *i-(i)kA*      *tar anẽ*  
1SG.I dormir-primeiro    POS4      3.II-matar    PROJ CONS  
'Primeiramente eu dormi depois de querer matá-lo' (Magalhães, 2007, p. 274)

52. *Ø-me'ẽ*                      *awa*    *kwý*    *i-kere*      *nẽ*  
3.I-olhar                      CTP    ali      3.II-dormir    CONS  
'Veio olhar ali depois de dormir' (Magalhães, 2007, p. 274)

### 3.3.3 Orações subordinadas adverbiais finais

Estas expressam finalidade ou simultaneidade, interpretação que vai depender do contexto discursivo, e funcionam como “uma oração dependente adverbial temporal quando o evento é realizado simultaneamente ao evento da oração principal, ou como uma oração final quando o evento ocorre em sequência ao evento da oração principal” (Magalhães 2007, p. 266). São também conhecidas como orações no “modo gerúndio”, desde Anchieta (1595)<sup>11</sup> e caracterizam-se por terem o sujeito da oração principal sempre correferente ao sujeito da oração subordinada. O marcador desse tipo de oração subordinada é o sufixo *-a*, em temas terminados com a consoante *k*<sup>12</sup> e os pós-clíticos *=pa* ~ *=ma* em temas terminados em vogal oral ou nasal, respectivamente.

Os exemplos abaixo ilustram construções em que uma oração principal é seguida de uma oração subordinada de finalidade/simultaneidade com mesmo sujeito e marca morfológica de subordinação no segundo verbo. Com relação às marcas morfológicas de

---

<sup>11</sup> Para análise da construção chamada de gerúndio em línguas da família Tupí-Guaraní, cf. Anchieta 1595.Figueira 1687 [1621] para o Tupinambá, Ruiz de Montoya 1640) para o Guaraní, Rodrigues (1953); Seki (2000) e Praça (2007) para o Apyãwa.

<sup>12</sup> A estrutura silábica do Guajá não admite nenhuma consoante final. No entanto, quando certas raízes verbais recebem sufixo iniciados por vogal, certas consoantes subjacentes ressurgem como é o caso da consoante *k* associada com o alomorfe *-a* do sufixo de finalidade/simultaneidade. (Magalhães, comunicação pessoal).

peessoa no verbo, cada verbo das distintas orações da sentença tem sua marca independente, sendo a Série II a única que pode ocorrer na oração subordinada. Porém, no Guajá, diferentemente das demais orações subordinadas descritas anteriormente, a marca de pessoa não ocorre em orações subordinadas que têm como núcleo verbos intransitivos eventivos (53)<sup>13</sup>, apenas nas que têm como núcleo verbos transitivos (54) e intransitivos estativos (55).

53. *takÿn-a*                      *Ø-oho*                      *wewe=pa*  
 tucano-RFR                      3.I-ir                      voar=FIN  
 ‘O tucano foi embora voando’ (Magalhães, 2007, p. 267)

54. *a-jaho*                      *ha-xak-a*  
 1SG.I.-ir                      3.II-ver-FIN  
 ‘Eu fui embora para vê-lo’ (Magalhães, notas de campos não publicadas).

55. *Majhuxa’a-Ø*                      *Ø-wa’a*    *tapo*                      *i-kaha-pe*                      *i-kara’ahÿ=ma*  
 Majhuxa’a-RFR    3.I -cair    POS4                      3.II-rede-LOC                      3.II-cansado=FIN  
 ‘Majhuxa’a caiu deitado na rede dele estando cansado’ (Magalhães, 2007, p. 268)

Nota-se, ao final da descrição das estruturas subordinadas, o afunilamento da relação entre os verbos se compararmos com a relação entre os verbos empregados nas orações coordenadas e subordinações semânticas. O que denominamos aqui como afunilamento é o estreitamento da relação de uma oração com a outra, atestada, no caso das orações subordinadas, não apenas pelo significado de uma estar atrelado ao da outra, mas também pela forma mais nominal, isto é, menos finita do verbo marcado com o morfema subordinador, evidenciada pela obrigatoriedade do uso da Série II como marcador pessoal.

---

<sup>13</sup> A não ocorrência de marca de pessoa nesse tipo de verbo pode estar relacionada à perda, no Guajá, das marcas pessoais que expressam correferencialidade, presente em outras línguas da família como o Tapirapé, e que são usadas neste contexto sintático. (Magalhães, comunicação pessoal).

### 3.4 Construções verbais seriais (SVC)

Outro tipo de relação entre verbos presentes em orações em sequência é a serialização verbal. Um dos pontos principais deste trabalho é apresentar evidências de que no Guajá ocorrem construções verbais seriais e que essa estrutura constitui o nível mais aprofundado de estreitamento entre verbos em uma sentença. Para compreender melhor os exemplos de construção verbal serial (SVC) é necessário lançar mão dos conceitos que caracterizam este tipo de construção. De acordo com Aikhevald e Dixon (2006, p. 01, tradução nossa) “SVC é uma sequência de verbos que atuam juntos como um predicado simples, sem marcadores de coordenação, subordinação ou qualquer outro marcador de dependência sintática”<sup>14</sup>. Os autores também pontuam que uma SVC descreve o que pode ser contextualmente concebido como um evento único, sendo assim, ela é monoclausal e sua propriedade entonacional é a mesma de uma oração monoverbal, tendo somente uma sentença. Também ressaltam que uma SVC expressa somente uma referência temporal, aspecto e valor de polaridade<sup>15</sup>.

As SVCs, segundo Aikhevald e Dixon (2006, p. 06, tradução nossa) contrapõem-se às orações coordenadas e subordinadas porque, “não permitem marcadores de dependência sintática em seus componentes. Isso serve de critério ao distinguir SVCs de coordenações, consecutivização, cláusulas complementares, subordinadas e outras estruturas multioracionais”<sup>16</sup>.

Entretanto, discordando dos conceitos abrangentes dados por Aikhevald e Dixon (2006) para esse tipo de estrutura, Haspelmath (2016, p. 292, tradução nossa) propõe uma

---

<sup>14</sup> No original: “A serial verb construction (SVC) is a sequence of verbs which act together as a single predicate, without any overt marker of coordination, subordination, or syntactic dependency of any other sort”. (Aikhevald e Dixon, 2006, p. 01).

<sup>15</sup> No original: “Serial verb constructions describe what is conceptualized as a single event. They are monoclausal; their intonational properties are the same as those of a monoverbal clause, and they have just one tense, aspect, and polarity value”. (Aikhevald e Dixon, 2006, p. 01).

<sup>16</sup> No original: “Serial verb constructions are monoclausal and allow no markers of syntactic dependency on their components. This is criterial in distinguishing serial verb constructions from coordination, consecutivization, complement clauses, subordinate clauses, and other multiclausal structures (...)”. (Aikhevald e Dixon, 2006, p. 06).

definição mais restrita de construções verbais seriais. Ele estabelece que “SVC é como uma construção monoclausal consistindo em múltiplos verbos independentes sem nenhum elemento ligando-os e sem relação predicado-argumento entre os verbos”<sup>17</sup>. Em seu artigo, o autor ainda esclarece que este conceito surgiu a partir dos estudos relacionados a construções de verbos em série na língua Kwa Akan<sup>18</sup> e que foi gradualmente sendo aplicado para cobrir fenômenos semelhantes em outras línguas. Haspelmath (2016, p. 296, tradução nossa) propõe como componentes-chaves que restringem, estruturam e definem uma SVC as seguintes características:

- a. Construção;
- b. Oração monoclausal;
- c. Verbos independentes;
- d. Nenhum elemento de ligação entre eles e
- e. Nenhuma relação argumento-predicado entre os verbos.<sup>19</sup>

Nas estruturas que consideramos SVCs do Guajá encontramos os elementos/componentes identificatórios citados tanto por Aikhenvald e Dixon, quanto por Haspelmath, conforme ilustrado abaixo:

56. *a-wata*      *kwa*  
1SG.I –andar saber  
'Eu sei andar' (Magalhães, 2019, p. 909)

---

<sup>17</sup> No original: “I define a serial verb construction as a monoclausal construction consisting of multiple independent verbs with no element linking them and with no predicate–argument relation between the verbs”. (Haspelmath, 2016, p. 296).

<sup>18</sup> Língua falada em Gana, África Ocidental.

<sup>19</sup> No original: “Key components of the definition

- a. construction
- b. monoclausal
- c. independent verbs
- d. no linking element
- e. no predicate–argument relation between the verbs”. (Haspelmath, 2016, p. 296).

57. *a-'u*                      *pa*  
1SG.I comer      terminar

‘Eu terminei de comer’ (Magalhães, 2019, p. 909)

As estruturas em (56) e (57) são monoclausais, compostas por verbos que são encontrados independentemente na língua e não há qualquer tipo de elemento subordinador que relacione um verbo com outro.

Haspelmath (2016), porém, ao longo de seu artigo, propõe a necessidade de diminuir a abrangência do conceito do que é uma construção verbal serial deixando de fora do escopo desse tipo de estruturação verbal as sequências verbais que apresentam verbos estativos e complementação semântica entre os verbos.

Ele afirma que (2016, p. 296, tradução nossa):

Deve-se notar que essa definição é consideravelmente mais estreita do que as definições usadas pela maioria dos outros autores. Não conheço outra definição que seja mais estreita que essa. Isso significa que vários fenômenos que foram chamados de SVCs são excluídos pela definição, mas também significa que a definição é mais prática do que algumas das outras definições (...).<sup>20</sup>

Ao estreitar o conceito sobre SVCs, Haspelmath (2016, p. 303, tradução nossa) propõe que, apesar de estas serem formadas por múltiplos verbos, é preciso saber qual a definição universalmente aplicável ao conceito de verbo. Este é definido pelo autor como uma palavra que expressa eventos dinâmicos e que, para atuar como predicado, não pode possuir nenhum tipo de codificação do tipo cópula, por exemplo. De acordo com ele, para que uma classe de palavra seja conceituada como verbo, precisa obrigatoriamente expressar eventos dinâmicos.

---

<sup>20</sup> No original: “It should be noted that this definition is considerably narrower than definitions used by most other authors; I know of no other definition that is narrower than this. This means that a number of phenomena that have been called SVCs are excluded by the definition (...)”. (Haspelmath, 2016, p. 296).

Assim, o autor apresenta dados que são considerados SVCs por outros pesquisadores, como o da língua To'aba'ita<sup>21</sup>, no exemplo 58, mas que Haspelmath não analisa como tal, pelo fato de o segundo elemento, considerado um verbo por Lichtenberk (2006), *lega* 'ser bom', não expressar evento dinâmico e ocorrer acompanhado por uma cópula ao ser empregado na sentença (Haspelmath, 2016, p. 302).

58. *sofu e makwa leqa.*  
 soup 3SG.NONFUT smell be.nice  
 'The soup smells nice'<sup>22</sup>  
 (Lichtenberk, 2006, p. 259)

Com relação a esta afirmação, contrastamos a argumentação de Haspelmath (2016) com os seguintes exemplos do Guajá que consideramos serem estruturas serializadas formadas por verbos que expressam noções estativas, com suas respectivas marcas de pessoas. Como se pode verificar nos exemplos de 59 a 61, os itens lexicais *parahỹ* 'ser bonito', *manahỹ* 'ser feio' e *me* 'ser devagar' são, conforme definição de Magalhães e Mattos (2014, p. 253), verbos estativos com comportamento morfossintático distinto das classe dos nomes e que não precisam de cópula para predicar. Os mesmos verbos também figuram como segundo verbo em estruturas seriais, sem marca de pessoa, sem cópula, como nos dados de 62 a 64, diferentemente do que ocorre em To'aba'ita.

59. *ha=Ø-parahỹ*  
 2SG.II=R-ser.bonito  
 'Eu sou bonito' (Magalhães, 2019, p. 909)

60. *ha=Ø-mahahỹ*  
 2SG.II=R-ser.feio
- 

<sup>21</sup> Língua falada no sudeste das Ilhas Salomão.

<sup>22</sup> Tradução: 'O sabonete cheira bem'.



‘Eu sou feio’ (Magalhães, 2019, p. 909)

61.  $\emptyset$ -*me*

3.II-estar.devagar

‘Ele é devagar’ (Magalhães, 2019, p. 909)

62. *a-’ĩ*            *parahỹ*            *ni =  $\emptyset$ -pe*

1SG.I-falar    estar.certo    2SG.II = -DAT

‘Eu falei certo pra você’ (Magalhães, 2019, p. 909)

63. *a-’i*            *manahỹ*            *ni =  $\emptyset$ -pe*

1SG.I-falar    estar.errado    2SG.II = R-DAT

‘Eu falei errado pra você’ (Magalhães, 2019, p. 909)

64. *kamixa- $\emptyset$*              *$\emptyset$ -wata*            *me*

jabuti-RFR            3.I -andar            ser.devagar

‘O jabuti anda devagar’ (Magalhães, 2019, p. 909)

Para nós, o que define a categoria verbo nas línguas são principalmente critérios morfológicos e sintáticos e, caracterizar como verbos apenas palavras que expressam conceitos dinâmicos não corresponde à realidade do Guajá e provavelmente também não corresponde à de outras línguas, que possuem verbos estativos. Critérios morfossintáticos bem definidos como, a ausência de cópula para expressar noção predicativa e a impossibilidade de se combinar com morfemas exclusivos de nomes, como o sufixo referenciante *-a*, permitem classificar a classe dos estados do Guajá como tendo o mesmo comportamento dos verbos eventivos. Portanto, o fato de o segundo verbo da sentença ser um verbo estativo, a nosso ver, não descaracteriza a sentença como uma construção verbal serial no caso do Guajá.

Outro critério mais restritivo utilizado pelo autor (2016) para caracterizar uma SVC é o de que, nesse tipo de estrutura, um verbo não pode figurar como argumento do outro verbo (Haspelmath, 2016, p. 305). Para exemplificar esse critério, ele usa um exemplo da língua Samoa<sup>23</sup>.

65. 'ou te lee iloa 'a'au

I TAM not know swim

'I don't know how to swim'<sup>24</sup> (Mosel, 2004, p. 272)

O autor afirma que construções que apresentam relações de complementação, como as do tipo ilustrado acima, não podem ser classificadas como uma construção serial verbal, pois a relação semântica transmite a ideia de que um verbo é uma espécie de argumento do outro. O verbo 'a'au 'nadar' complementa o sentido do verbo iloa 'sei' o que o autor conceitua como cláusulas de complemento. Vale ressaltar que a análise do autor é no âmbito semântico e não sintático, uma vez que não há morfema nominalizador que expresse uma real função sintática argumentativa do segundo verbo. Sendo assim, ele afirma que qualquer construção verbal que consista de verbos como *saber* não pertence ao que ele nomeia de núcleo original de um fenômeno SVC<sup>25</sup>, mesmo que esses verbos sejam verbos plenos, não tenham marcadores de dependência sintática e não apresentem nenhuma marca de pessoa.

As estruturas que consideramos seriais do Guajá também vão de encontro a este parâmetro proposto por Haspelmath (2016), uma vez que os verbos *kwa* e *pa* dos exemplos (ex. 56 e ex. 57) acima apresentam esta relação de complementação semântica, sendo verbos transitivos que podem ter como complemento um argumento nominal ou um verbo.

---

<sup>23</sup> Língua falada nas Ilhas Samoa, Polinésia.

<sup>24</sup> Tradução: 'Eu não sei como nadar'.

<sup>25</sup> No original: "Complement-clause constructions are often included in the literature on SVCs (Aikhenvald 2006, §3.2.4 even recognizes complement-clause serialization as a special subtype), but it is better to exclude them because they do not belong to the original core of SVC phenomena". (Haspelmath, 2016, p. 305).

Porém, mais uma vez temos evidências para afirmar que no Guajá as construções com o verbo *kwa* ‘saber’ precedido de outro verbo são distintas das construções em que há explicitamente uma relação de complementação.

O ex. 56, repetido abaixo como ex. 66, ilustra o verbo saber como parte de uma construção onde tanto o primeiro como o segundo verbos são encontrados na língua em sua forma plena, isto é, como núcleo de predicados em orações independentes. Quando figuram nesse tipo de construção, a marca de pessoa aparece somente no primeiro verbo da sentença e não há nenhum tipo de marcação de dependência sintática no segundo verbo, seja para expressar subordinação, seja para expressar nominalização. Sendo assim, o verbo *kwa* ‘saber’ não é complemento sintático do primeiro verbo.

66. *a-wata*            *kwa*  
1SG.I-andar      saber  
‘Eu sei andar’ (Magalhães, 2019, p. 909)

Diferentemente do que ocorre no dado anterior, há no Guajá um segundo tipo de construção envolvendo o verbo *kwa* ‘saber’(ex.67), em que este figura em primeira posição recebendo a marca de pessoa, enquanto o verbo que ocorre em seguida, neste caso o verbo *wata* ‘andar’, recebe um morfema nominalizador, aí sim, atuando como complemento do primeiro verbo.

67. *a-kwa*            *wata-ha- Ø*  
1SG.I-saber      andar-NZR-RFR  
‘Eu sei andar/ eu sei a *andação*’  
(Magalhães, 2002, notas de campo não publicadas)

Apesar de aparentemente não haver distinção semântica entre as duas construções, uma vez que elas são usadas nos mesmo contextos (Magalhães, notas de campo), o contraste sintático entre elas é, para nós, evidência de que uma delas é realmente a estrutura de complementação existente na língua, enquanto a outra não pode ser definida de outra forma que não como uma construção serial.

Ainda há discursões no âmbito acadêmico sobre qual seria o melhor conceito aplicável às construções verbais seriais. No que tange à definição de SVCs, Haspelmath (2016, p. 293, tradução nossa) propõe considerar que a falta de acordo quanto à definição de SVC é uma situação perfeitamente natural e, de maneira nenhuma, é surpreendente, pelo contrário, é algo praticamente necessário à forma como a pesquisa linguística se desenvolveu ao longo das últimas décadas<sup>26</sup>.

Em seu artigo de 2018 sobre a análise de Haspelmath (2016), Aikhenvald e Dixon esclarecem pontos que são relevantes e que podem apresentar algumas inconclusões sobre como conceituar construções verbais seriais. Neste os autores ressaltam a importância em entender que SVCs ocorrem em diversas línguas mesmo que estas tenham diferentes perfis tipológicos<sup>27</sup> (Aikhenvald e Dixon, 2018, p. 02, tradução nossa).

Ao expormos os conceitos dos diferentes autores, nosso propósito está em esclarecer melhor sobre o fenômeno na língua Guajá. E como todo trabalho de pesquisa, temos a intenção de contribuir com futuras explicações e assim, acorrer no aperfeiçoamento e maturação do conhecimento sobre este assunto específico.

Sendo assim, contrastando as definições de Aikhenvald e Dixon (2006) e Haspelmath (2016), ficamos com o conceito mais amplo apresentado pelos primeiros, sendo possível afirmar, com base nos critérios apresentados pelos autores, que há construções seriais verbais no Guajá. Os principais critérios para considerar que há SVCs nesta língua são:

1. O fato de esses verbos terem existência independente;
2. O segundo verbo da construção não recebe marca de pessoa, coordenação ou subordinação;
3. Nenhum dos verbos recebe o morfema nominalizador ou o morfema referenciante, que caracteriza os nomes na gramática Guajá e

---

<sup>26</sup> No original: “Thus, instead of lamenting the lack of agreement, linguists should feel free to simply advance a definition and then work with it”. (Haspelmath, 2016, p. 293).

<sup>27</sup> No original: “Serial verbs are a feature of many languages, with different typological profiles”. (Aikhenvald e Dixon, 2018, p.02).

4. A construção em que eles figuram pode ser interpretada como um evento único, sendo assim, monoclausal, tendo propriedade entonacional idêntica à de uma oração monoverbal e expressando somente um aspecto e valor de polaridade.

Logo, os dados 56, 57, 62, 63 e 64, repetidos aqui com exemplos 68 a 72, são exemplos de construção verbal serial no Guajá que ilustram a possibilidade que a língua exibe de apresentar sequências de dois verbos lexicais com o mesmo sujeito e marca morfológica de pessoa apenas no primeiro verbo, expressando apenas um evento.

68. *a-wata*        *kwa*  
1SG.I –andar    saber  
'Eu sei andar' (Magalhães, 2019, p. 909)
69. *a-'u*        *pa*  
1SG.I comer     terminar  
'Eu terminei de comer' (Magalhães, 2019, p. 909)
70. *a-ĩ*        *parahỹ*        *ni = Ø-pe*  
1SG.I-falar    estar.certo    2SG.II = R-DAT  
'Eu falei certo pra você' (Magalhães, 2019, p. 909)
71. *a-'i*        *manahỹ*        *ni = Ø-pe*  
1SG.I-falar    estar.errado    2SG.II = R-DAT  
'Eu falei errado pra você' (Magalhães, 2019, p. 909)
72. *kamixa-Ø*        *Ø-wata*        *me*  
jabuti-RFR     3.I -andar     ser.devagar  
'O jabuti anda devagar' (Magalhães, 2019, p. 909)

Nesse tipo de construção, a relação entre os dois verbos lexicais, é formalmente mais íntima do que nos predicados subordinados, uma vez que, além de não haver marca de subordinação no segundo verbo, seus significados estão mais atrelados, pois o evento deve ser compreendido como um só.

### **3.5 As distintas relações de proximidade entre os verbos nas construções apresentadas**

A partir da análise feita sobre o Guajá e sua estrutura, é possível identificar, entre os diferentes tipos de sequências verbais nela empregadas, o princípio da iconicidade, representado pelo subprincípio da proximidade, a ser esclarecido a seguir.

Após observarmos como os verbos são usados em sequência nesta língua, podemos perceber que existe motivação icônica na estrutura da sentença quando analisamos os diferentes graus de integração entre os verbos nas estruturas apresentadas.

No que se refere à iconicidade, para Cunha (2017, p. 167), “o princípio de iconicidade é definido como a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo)”. Martelotta e Wilson (2017, p. 72) ressaltam que a iconicidade do signo linguístico tem como base a motivação entre a forma, a sua estrutura e a semântica expressas por ele.

Sendo assim, a relação entre o signo, sua semântica e o que o locutor tenta expressar, se origina a partir da propriedade natural que as línguas têm de unificar forma (código linguístico) e função (sentido) que sejam parecidos ou correspondentes.

Ainda segundo Martelotta e Wilson (2017, p. 77) contrapondo com a noção de arbitrariedade, que é a relação entre som e sentido de uma determinada palavra, motivação ou iconicidade estão ligadas ao fato de que o falante pode realizar a correspondência entre a forma da palavra e o significado que a mesma expressa (ou pode expressar) ao ser empregada junto com outra palavra que tenha semelhança semântica ou morfológica. Eles também afirmam que este é um princípio translinguístico que se tornou fundamental para a observação e interpretação da relação entre forma e função e para a concepção de gramática das línguas. Sendo assim, a iconicidade não se manifesta apenas na relação entre a forma e o sentido das palavras, mas também na estrutura da frase ou mesmo do texto. (Martelotta e Wilson 2017, p. 81). Baseando-se na concepção do filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce sobre iconicidade, que atestou que, dentro do âmbito da sintaxe, todas as línguas possuem ícones

lógicos que são auxiliados por regras convencionais em relação ao que representam<sup>28</sup> (1940, p. 106, tradução nossa), Givón analisa que a iconicidade de uma gramática é baseada em uma questão de grau. Givón (2001, p. 34, tradução nossa) atesta que “boa parte das construções gramaticais, dispositivos mais icônicos (ou princípios) são empregados juntamente com dispositivos simbólicos mais convencionais e arbitrários”<sup>29</sup>, denominando esta relação de “organização gramatical icônica”<sup>30</sup>. O que nos interessa mais diretamente nestas definições é o que o autor denomina de subprincípio de proximidade, que atesta a iconicidade de uma estrutura no que se refere às suas regras de espaçamento, podendo ser encontrada de duas formas Givón (2001, p.35, tradução nossa): proximidade e relevância<sup>31</sup>.

Segundo Givón (2001, p. 35, tradução nossa) no primeiro caso, proximidade, os fragmentos de informação que se aproximam em termos conceituais são também espacial e temporalmente mantidos próximos<sup>32</sup>. Já o segundo, relevância, estabelece que os operadores funcionais sejam mantidos mais próximos do termo para o qual ele tem relevância<sup>33</sup>.

Em termos mais simples, o subprincípio da proximidade pode ser resumido como a ideia de que, quanto mais as relações semânticas entre os eventos estão interligadas, mais a estrutura sintática entre elas revela essa interdependência. Assim, as construções com sequências verbais do Guajá revelam, quando observadas sob a ótica de um *continuum* de relação entre os verbos da sentença, um gradativo estreitamento sintático associado ao afunilamento semântico da interpretação do(s) evento(s) expresso(s) pelos verbos. E, neste

---

<sup>28</sup> No original: “...In the syntax of every language there are logical icons of the kind that are aided by conventional rules...” Peirce (1940, p.106).

<sup>29</sup> No original: “In most grammatical constructions, more iconic devices (or principles) are intermingled with more arbitrary, conventionalized, symbolic devices (or rules)”. (Givón , 2001, p. 34).

<sup>30</sup> No original: “iconic grammatical organization”. (Givón , 2001, p. 34).

<sup>31</sup> No original: “Proximity and relevance”. Givón (2001, p.35).

<sup>32</sup> No original: “Information chunks that belong together conceptually are kept in close spatio-temporal proximity” Givón (2001, p. 35).

<sup>33</sup> No original: “Functional operators are kept closest to the operand to which they are relevant”. Givón (2001, p. 35).

ponto, observamos no Guajá um exemplo de língua em que fica evidente o subprincípio da proximidade.

Sabendo-se que a iconicidade é a relação entre a forma e a função, concluímos que este pode ser observado nas estruturas aqui analisadas quando verificamos que quanto mais integrados os verbos se encontram, mais o evento tende a ser interpretado como um só. Martelotta e Wilson (2017, p. 83) esclarecem que “o fato de essas entidades estarem mais próximas funcional, conceptual e cognitivamente motiva os falantes a colocarem os termos designativos dessas entidades próximos no nível da frase”. Na língua Guajá isso pode ser atestado ao compararmos as distintas sequências verbais descritas na seção anterior começando pela estrutura das orações coordenadas, passando pelas subordinadas e chegando até a realização das construções verbais seriais.

A estrutura linguística dessas sequências verbais é orientada de acordo com este subprincípio, o que fica claro quando avaliamos que as orações coordenadas mostram um nível máximo de independência entre os verbos, cada um destes marcados com seu próprio prefixo de pessoa e expressando eventos separados, até chegar às construções seriais, em que o segundo verbo já não leva marca de pessoa e o evento expresso por ele é compreendido como um só, combinado com o evento expresso pelo primeiro verbo. Entre esses dois extremos, estão as construções subordinadas que atestam uma maior relação sintática entre o verbo da oração principal e o subordinado, expressando este a sua pessoa por meio de marcadores típicos de orações não-finitas, mas sendo o evento ainda interpretado como separado em relação ao evento da oração principal. Como resultado disto, atesta-se o gradativo afunilamento e estreitamento das relações que ocorrem entre os verbos, chegando até formas de construção onde, como veremos mais tarde, os verbos empregados em sequência se gramaticalizam em partículas que expressam posição, direção e aspecto.

Ainda tratando de como o subprincípio da proximidade atua sobre a língua, o processo de gramaticalização de verbos em partículas específicas na língua Guajá, a ser abordado no próximo capítulo, reflete a ideia de proximidade de forma ainda mais clara associando o surgimento de palavras gramaticais à motivação do falante e permitindo entender como a semântica relacionada a um verbo condiciona o desenvolvimento de novo emprego para ele na língua.

Em resumo, ao analisarmos as estruturas verbais e a relações sintático-semânticas entre esses verbos, podemos concluir que o afunilamento destas relações pode ser melhor



compreendido a partir do princípio da iconicidade, mais especificamente traduzido pelo subprincípio da proximidade.

## CAPÍTULO IV

### A gramaticalização de verbos em partículas

Neste capítulo apresentamos o conceito de gramaticalização e discutimos o processo de gramaticalização de certos verbos do Guajá que resultaram em partículas.

O estudo enfoca a gramaticalização de verbos subordinados com sufixo de finalidade/simultaneidade em partículas que indicam direção, posição e aspecto progressivo, além da gramaticalização do verbo *mata* ‘querer’ em partícula de aspecto projetivo a partir de uma estrutura serializada. Verificaremos que, por codificarem a direção e a posição de um evento expresso pelo verbo principal, alguns verbos de movimento e posição, ao serem utilizados em estruturas que indicam simultaneidade, passaram a estabelecer uma relação mais íntima com o verbo da oração principal e terminaram por se gramaticalizar em partículas específicas, conforme será possível evidenciar. Isso será também atestado para o verbo ‘querer’, que expressando lexicalmente desejo, passou a codificar a noção gramatical de projeção de um evento, estado ou qualidade. Antes de apresentar as partículas estudadas, discutiremos o conceito de gramaticalização.

#### 4.1 Gramaticalização

Um primeiro trabalhos sobre este processo é a observação de Kurylowicz (1965, p 69, tradução nossa) onde este alega que “gramaticalização consiste no aumento do alcance de um morfema que avança de um status léxico para um gramatical ou de um status menos gramatical para mais gramatical”<sup>34</sup>.

Sobre isto, Lehmann (2002, p. 08, tradução nossa) a gramaticalização deve ser entendida como o processo onde um item se torna ou é tornado mais gramatical<sup>35</sup>, fundamentando a ideia de que o processo de gramaticalização não apenas pode transformar

---

<sup>34</sup> No original: “Grammaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status”. (Kurylowicz, 1965, p 69).

<sup>35</sup> No original: “Grammaticalization must mean a process in which something becomes or is made more grammatical”. (Lehmann, 2002, p. 08).

um elemento léxico em um item gramatical, mas também pode mudar um elemento de um estado menos gramatical para um mais gramatical.

Explicando com outras palavras esse processo, Cunha (2017, p. 173) esclarece que o processo de gramaticalização ocorre quando itens lexicais como substantivos, adjetivos ou verbos passam por um processo onde estes se movem em uma única direção que os leva a assumir novas funções gramaticais. A autora também explica que, uma vez gramaticalizados, estes itens continuam a desenvolver outras e novas funções gramaticais, como mencionado pelos autores citados.

Segundo Cunha (2017, p. 173):

A gramática é vista como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes. Isso implica reconhecer que, ao lado de padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, a gramática de qualquer língua exibe mecanismos de codificação emergentes, que são consequentes da necessidade de formas mais expressivas. A gramaticalização é um fenômeno relacionado a essa necessidade de se refazer que toda gramática apresenta.

Percebe-se então que gramaticalização pode ocorrer em qualquer língua natural, estando diretamente ligada às mudanças que ocorrem na gramática de uma determinada língua. Estas alterações acontecem em níveis distintos, conforme explicam Gonçalves *et al.* (2007, p. 17): “a gramaticalização pode ser entendida como as alterações de propriedades sintáticas, semânticas e discurso-pragmáticas de uma unidade linguística que promovem a alteração de seu estatuto categorial”.

Na língua Portuguesa, por exemplo, dois casos clássicos de gramaticalização sempre citados nos manuais de linguística são os processos de mudança em que o verbo *haver* e o substantivo *mente* transformaram-se em morfemas nos seguintes contextos: **amar + hei** tornou-se **amarei** e **tranquila + mente** tornou-se **tranquilamente** (Martelotta *et al.*, 1996, p. 25).

A língua Guajá, como qualquer língua, também passa por mudanças e é possível identificarmos, como parte dessas mudanças, processos de gramaticalização onde elementos lexicais, mais especificamente verbos, perderam a sua função lexical e passaram a atuar como um item gramatical tornando-se partículas específicas dentro da estrutura linguística aqui estudada.

Gonçalves *et al.* (2007, p.17) afirmam que o momento pós-gramaticalização faz com que os elementos apresentem funções mais previsíveis no que diz respeito ao emprego destes na língua. Isso porque, ao passar pelo processo de gramaticalização, o conteúdo gramatical apresenta uma pré-disposição a continuar com a sua carga semântica. Tal afirmação converge com a gramaticalização aqui discutida, ocorrida no Guajá, em que verbos que expressavam direção tornaram-se partículas direcionais, verbos que expressavam posição tornaram-se partículas posicionais e um verbo que expressava intenção/desejo, associado a outro verbo, se tornou uma partícula projetiva.

A semântica dos verbos se manteve, mas, por terem perdido suas características de verbos plenos que expressavam de maneira autônoma ações, processos e estados, ocorreu uma mudança na codificação dessas noções, que deixaram de ser lexicalmente expressas e se tornaram noções gramaticais. Tais partículas serão apresentadas a seguir.

## **4.2 Partículas**

De acordo com Magalhães (2007, p. 72), partículas fazem parte de uma classe fechada de elementos tônicos que não sofrem nenhum tipo de flexão. Estas “podem se associar a distintos tipos de constituintes e, diferentemente das palavras lexicais, operam como palavras funcionais. Em geral, ocupam posições fixas na oração ou com relação a membros da oração”. Como mencionado anteriormente, as partículas aqui alvo de estudo, são resultantes da gramaticalização de verbos que podem ou não sincronicamente ser empregados de forma independente no Guajá.

Fonologicamente, as partículas são palavras independentes, já em termos semânticos, formam uma classe heterogênea no Guajá que possui semântica que expressa aspecto, dêixis, modo, foco, tempo, entre outros (Magalhães, 2007, p. 72).

Partindo desta definição, o Guajá possui uma grande quantidade de partículas, porém, neste capítulo, o foco será naquelas que vieram de verbos empregados em orações subordinadas adverbiais finais expressando finalidade ou simultaneidade e na partícula projetiva oriunda de uma construção verbal serial.

### **4.2.1 Partículas direcionais**

As partículas direcionais são palavras independentes, não apresentam nenhum tipo de variação, possuem conteúdo gramatical e de posição obrigatoriamente posterior ao núcleo do

predicado, embora possam ser precedidas por outras palavras. Analisando suas características semânticas, estas têm teor dêitico, ou seja, localizam um fato no tempo e no espaço, definindo a direção do movimento expresso pelo núcleo do predicado verbal. Este sempre será um verbo de deslocamento (Magalhães, 2019, p. 900).

Em resumo, as partículas direcionais são empregadas em sentenças em que o núcleo do predicado principal expressa movimento, e por meio delas, o falante esclarece a direção da ação que está expressa na sentença.

Um ponto relevante aqui é o de que “a relação entre o evento expresso pelo núcleo do predicado e pela partícula é entendida somente como uma relação de simultaneidade” (Magalhães, 2007, p. 101), mesmo tendo sido oriundas de orações subordinadas que também podiam expressar finalidade.

O quadro abaixo apresenta as sete partículas desta classe e os verbos que deram origem a elas. Estes ainda são verbos plenos empregados no Guajá.

PARTÍCULAS	VERBOS
<i>aha</i> CTF/ <i>aha</i> PROSP	<i>aho</i> ‘ir’
<i>awa</i> CTP	<i>u</i> ‘vir’
<i>raha</i> ~ <i>haraha</i> CTF1	<i>raho</i> ‘levar’
<i>rawa</i> ~ <i>harawa</i> CTP1	<i>ru</i> ‘trazer’
<i>kapo</i> ELAT	<i>kwa</i> ‘passar’
<i>manã</i> CTF2	<i>manõ</i> ‘fazer ir’
<i>mõ</i> CTP2	<i>mũ</i> ‘fazer vir’

Quadro 4 – Partículas direcionais (Magalhães, 2019, com alterações)

A seguir, apresentamos cada uma das partículas direcionais, com dados que ilustram o emprego dessas partículas como elementos que informam a direção de uma ação:

***aha* ‘indo’ – partícula direcional centrífuga:**

73. *ka*’i-a                      Ø-wyhy    ***aha***    *ka*’a-pe  
 macaco.prego-RFR    3.I-correr    CTF    mato- LOC

‘O macaco-prego foi correndo para o mato’ (Magalhães, 2007, p. 101)

74. Ø-wyhy    *tapi*’i                      ***aha***    *are* = *r-ixak-a*  
 3.I -correr    anta                      CTF    1PL.II = R-ver-FIN

‘A anta foi correndo ao nos ver’ (Magalhães, 2007, p. 101)

***awa* ‘vindo’ – partícula direcional centrípeta:**

75. *a-wehẽ ta xi awa katu-pe ha= Ø-xiru Ø-mũk-a*  
1SG.I-sair PROJ IMPERF CTP fora- LOC 1SG.II=R-roupa R- vestir-GER  
‘Eu vinha saindo para fora para vestir minha roupa’ (Magalhães, 2007, p. 102)

76. *a-wuxi awa*  
2/IMP CTP  
‘Entre (vindo)’ (Magalhães, 2007, p. 102)

***raha ~ haraha* ‘levando’ – partícula direcional centrífuga comitativa:**

77. *Ø-japamĩ haraha ‘y-pe*  
3.I-mergulhar CTF1 água-LOC  
‘Mergulhou levando-a para água’ (Magalhães, 2007, p. 103)

78. *Tejuxika-Ø kwihu-a Ø-po’o haraha*  
Tejuxika-RFR cabaça- N 3.I- apanhar CTF1  
‘Tejuxika apanhou a cabaça levando-a’ (Magalhães, 2007, p. 104)

***rawa ~ harawa* ‘trazendo’ – partícula direcional centrípeta comitativa:**

79. *a-pi harawa ha = Ø-jamete-pe*  
1SG.I-carregar CTP1 1SG.II = R -costas- LOC  
‘Carreguei-o trazendo-o nas minhas costas’ (Magalhães, 2007, p. 104)

80. *Ø-ru kamara-Ø xamakaj harawa*  
3.I-trazer índio-RFR galinha CTP  
‘O índio trouxe (trazendo) uma galinha’ (Magalhães, 2007, p. 104)

***kapo* ‘saindo de dentro para fora’ - partícula direcional elativa:**

81. *a-tyry kapo t-a-tipi nĩ*  
2/IMP-chegar ELAT EXO-1SG.I-varrer INTEN  
‘Chega para lá que eu quero varrer’ (Magalhães, 2007, p. 106)

82. *jaha a-pa-‘ã ta kapo ha=Ø-kaha*  
eu 1SG.I-levantar PROJ ELAT 1SG.II=R-rede

‘Eu vou levantar (saindo) da minha rede depois de dormir’

(Magalhães, 2007, p. 106)

***manã* ‘fazendo ir’ - partícula direcional centrífuga causativa simples:**

83. *Mair-a kamixa-Ø Ø-japia’ó*

Maira-RFR jabuti-RFR 3.I-estripar

*Ø-mapy manã kwarahy Ø-pa-pe*

3.I-colocar CTF2 sol R-brilho-LOC

‘Maíra estripava o jabuti e colocava-o (fazendo ir) no sol’

(Magalhães, 2007, p. 105)

84. *a-ru a-jamixo a-mytu a-mihĩ manã*

1SG.I-trazer 1SG.I-pilar 1SG.I-soprar 1SG.I-cozinhar CTF2

*ha= Ø-mẽ Ø-pe*

1SG.II=R-marido R-para

‘Eu trouxe, pilei, soprei e botei para cozinhar para o meu marido’

(Magalhães, 2007, p. 105)

***mõ* ‘fazendo vir’ - partícula direcional centrípeta causativa simples:**

85. *a-mapy mõ xia ha=r-ake*

2/IMP-colocar CTP2 aqui 1SG.II=R-perto

‘Ponha aqui (fazendo vir) perto de mim’ (Magalhães, 2007, p. 105)

86. *h-aĩn-a ka’i Ø-ty mõ i-pe*

3.II-carço-RFR macaco.prego 3.I-jogar CTP2 3.II-para

‘O macaco-prego jogou o carço dela (da fruta) (fazendo vir) para ele’

(Magalhães, 2007, p. 105)

A origem destas partículas é a forma subordinada dos verbos plenos ainda empregados de forma independente na língua como *aho* ‘ir’ e *u* ‘vir’. As formas verbais comitativas *raho* ‘levar’ e *ru* ‘trazer’, que também ocorrem de maneira independente no Guajá, deram origem às partículas comitativas *raha* e *rawa*, respectivamente, assim como as formas verbais causativas *monõ* ‘fazer ir’ e *mũ* ‘fazer vir’ geraram as partículas causativas *manã* e *mõ*, respectivamente (Magalhães, 2019, p. 902). A descrição e as evidências do processo de gramaticalização desses verbos em partículas direcionais serão explicitadas em 4.3.

#### 4.2.2 Partículas posicionais

As partículas posicionais, assim como as direcionais, resultaram da gramaticalização de verbos posicionais e também mantêm a semântica destes ao indicarem posição de um determinado evento (Magalhães, 2007, p. 106) ou a atitude física do agente ou paciente no momento da realização da ação (Magalhães, 2019, p. 902).

Como têm origem verbal, essas partículas podem ser encontradas na forma reduplicada nas sentenças, como nos exemplos 87 e 96, uma característica herdada dos verbos (única classe lexical que pode ser reduplicada na língua), como no exemplo 99. Além disso, algumas delas apresentam alomorfes como *ika ~ tika*, *ama ~ tama*, *ina ~ tina* e *apo ~ tapo*, sendo que o alomorfe com consoante *t* inicial somente ocorre quando o sujeito é a primeira pessoa; com as demais, a forma é sempre sem a inicial *t*.<sup>36</sup> O quadro abaixo apresenta as sete partículas desta classe e os verbos que deram origem a elas. Três dentre estes não são mais verbos plenos empregados no Guajá, mas cognatos de sua raiz podem ser encontrados em línguas da família Tupí-Guaraní, como o Tupinambá.

PARTÍCULAS	VERBOS
<i>ika</i> POS1/ <i>ika</i> PROG	<i>iku</i> ‘estar em movimento’
<i>ama ~ tama</i> POS2	* <i>am</i> ‘estar em pé’
<i>ina ~ tina</i> POS3	* <i>in</i> ‘estar sentando’
<i>apo ~ tapo</i> POS4	* <i>ub</i> ‘estar deitado’
<i>kata</i> POS5	<i>kato</i> ‘balançar’
<i>mina</i> POS6	<i>m</i> -CAUS + * <i>in</i> ‘estar sentando’
<i>raka/haraka</i> POS7	<i>ruku</i> ‘estar em movimento com’

Quadro 5 – Partículas posicionais (Magalhães, 2019, com alterações)

Os dados a seguir ilustram o emprego dessas partículas como elementos que informam a posição de uma ação:

---

<sup>36</sup> “A consoante *t* inicial, que sincronicamente se encontra lexicalizada na partícula posicional, possivelmente foi produtiva como prefixo de correferência” específico de primeira pessoa, atestados em outras línguas geneticamente relacionadas, como o Tembé. (Magalhães, 2019, p. 904).



***ika* ~ *tika* ‘estar em pé, em movimento’ – partícula posicional:**

87.  $\emptyset$ -wata      *ika~ka*  
3.I-andar      POS1~RED  
‘(Ela) fica a andar’ (Magalhães, 2007, p. 107)
88. *a-me’ẽ~me’ẽ*      *tika*       $\emptyset$ -pe       $\emptyset$ -wy      *r-ipi*  
1SG.I-olhar~RED      POS1      HUM-caminho      3.I-beira      R-por  
‘Eu fiquei olhando (em pé, em movimento) à beira do caminho’  
(Magalhães, 2007, p. 107)

***ama~tama* ‘estar em pé, parado’ – partícula posicional:**

89. *a-pa’ỹ*      *tama*  
1SG.I-levantar      POS2  
‘Levantei (ficando em pé)’ (Magalhães, 2007, p. 108)
90. *a-jã*      *tama*      wy      *r-ehe*  
1SG.I      POS2      chão      R-sobre  
‘Eu cantei (em pé) no chão’ (Magalhães, 2007, p. 108)

***ina* ~ *tina* ‘de cócoras / sentado’ – partícula posicional:**

91. *ma’awa*      *pira*       $\emptyset$ -ika      *ina*      *kwy*  
quem      peixe      3.I-mata      POS3      ali  
‘Quem está ali pescando (sentado)’ (Magalhães, 2007, p. 108)
92.  $\emptyset$ -imanhy      *i-mymy*      *ina*      *ha-i-pe*  
3.I-zangar-se      3.II-filho      POS3      3.II-barriga-LOC  
‘O filho dela zangou-se (sentado) dentro da barriga dela’  
(Magalhães, 2007, p. 108)

***apo* ~ *tapo* ‘deitado’ – partícula posicional:**

93.  $\emptyset$ -wa’a      *re*      *apo*      *i-kaha-pe*      *wỹ*  
3.I-cair      LUSIV      POS4      3.II-rede-LOC      PLU  
‘Cairam (deitado) na rede deles’ (Magalhães, 2007, p. 109)

94. *a-wa'a ta tapo ha=Ø-kaha-pe ha=r-awy mehẽ*  
 1SG.I-cair PROJ POS4 1SG.II-R-rede-LOC 1.II=R-estar.menstruada quando  
 ‘Eu vou cair (ficando deitada) na minha rede quando estiver menstruada’  
 (Magalhães, 2007, p. 108)

***kata* ‘em movimento pendular’ – partícula posicional:**

95. *ha=Ø-wanũ kata*  
 1SG.II=R-esperar POS5  
 ‘Me espere aparando!’ (lit.: ‘me espere fazendo movimento pendular!’)  
 (Magalhães, 2007, p. 109)
96. *Ø-wata kata~kata a'ia*  
 3.I-andar POS5~RED ele  
 ‘Ele anda mancando’ (lit.: ‘ele anda balançando’) (Magalhães, 2007, p. 109)

***mina* ‘fazendo sentar’ – partícula posicional causativa:**

97. *Ø-jaka kamara-Ø terẽ n-ape mina nỹ*  
 3.I-furar índio-RFR trem R-caminho POS6 CONJ  
 ‘E o índio serrou os trilhos do trem (fazendo-os sentar)’  
 (Magalhães, 2007, p. 109)
98. *Ø-kyty xi karai-a Amỹxa'ate mina*  
 3.I-furar IMPERF não-índio-RFR Amỹxa'ate POS6  
 ‘O não-índio dava injeção (furava) na Amỹxa'ate (fazendo-a sentar)’  
 (Magalhães, 2007, p. 109)

***raka ~ haraka* ‘estando com’ - partícula posicional comitativa:**

99. *Ø-japi.pi haraka i-py-pe*  
 3.I-atirar.RED POS7 3.II-pé-LOC  
 ‘(Ele) chutou (a bola) (estando com ela) várias vezes com o pé’  
 (Magalhães, 2007, p. 105)
100. *ma'ã Amiri u-'u haraka kwy*  
 que Amiri 3.I-comer POS7 ali

‘o que Amiri (estando com) está comendo ali?’ (Magalhães, 2007, p. 105)

As partículas posicinais têm a sua origem nos verbos *-iku* ‘estar em movimento’, \*’-*am* ‘estar em pé’, \*’-*ub* ‘estar deitado’ e \*’-*in* ‘estar sentado’. No verbo *kato* ‘balançar’ está a possível origem da partícula *kata* ‘em movimento pendular’. Ainda segundo Magalhães (2019, p. 904) “a partícula *mina* ‘fazendo sentar’ corresponde à versão causativa da partícula *ina* e a partícula *raka* é a versão comitativa da partícula *ika*”.

Fazendo um paralelo entre as subclasses de partículas aqui apresentadas, vale ressaltar que, após se gramaticalizarem e se tornarem partículas que expressam direção e posição associadas a verbos eventivos, as formas *aha* e *ika*, respectivamente, seguiram mais adiante no processo de gramaticalização tendo se desenvolvido também em partícula de aspecto prospectivo e partícula aspectual progressiva respectivamente. Os dados a seguir ilustram isto. No exemplo 101 observa-se o uso da partícula direcional centrífuga não mais com verbo de movimento, mas com verbo que expressa um processo, tendo sua semântica se especializado, nesse contexto, para exprimir um estado futuro, prospectivo.

101. *a-jkura*     ***aha***     *kyry’y*  
1SG.I-curar    PROSP    MUD  
‘Eu estou quase curado agora’ (Magalhães, 2007, p. 101)

Vale ressaltar que o uso do verbo “ir” gramaticalizado para expressar futuro ou função similar é atestado em diversas línguas do mundo, inclusive no Português.

Já em ex. 102, observa-se o uso da partícula posicional “em pé e em movimento” associada a verbos estativos, não mais expressando posição, mas indicando um estado em progressão.

102. *jaha*    *a-wata*            *ka’a*    *r-ipi.*    *ha = Ø -jamyhỹ*            ***ika***  
eu        1SG.I-andar    mata    R-por    1SG.II = R-estar.faminto    PROG  
‘Eu andava pelo mato. Eu estava faminto’ (Magalhães, 2007, p. 107)

#### 4.2.3 Partícula de aspecto projetivo

A partícula de aspecto projetivo *ta* é resultante da gramaticalização do verbo *mata* ‘querer’ a partir de uma construção verbal serial. De acordo com Magalhães (2007, p. 110), esta expressa a projeção por parte do falante de um evento a ser realizado ou uma entidade a ser concretizada.

PARTÍCULA	VERBO DE ORIGEM
<i>ta</i>	<i>mata(r)</i> ‘querer/desejar’

Quadro 6 - Partícula projetiva (Magalhães, 2019, com alterações)

103. *ha=r-ipa ta*  
 1SG.II=R PROJ  
 ‘Vai ser minha casa’ (Magalhães, 2007, p. 111)

A autora ainda ressalta que o verbo *mata* ‘querer’ “não ocorre mais associado a morfemas pessoais, apesar de, a depender do contexto, ainda ocorrer em construções verbais mantendo sua forma mais estendida e semântica desiderativa” (Magalhães, 2019, p. 910). O dado abaixo atesta isso:

104. *a-xa mata*  
 1SG.I-ver PROJ/DES  
 ‘Vou/quero ver’ (Magalhães, 2019, p. 905)

O verbo *mata* ‘querer’, no seu processo de gramaticalização, deixou de existir como verbo pleno, mas seus cognatos podem ser encontrados na grande maioria das línguas da família Tupí-Guaraní, como em Tapirapé e Kamaiurá ainda funcionando como verbo.

Esse verbo possivelmente ocorria como segundo verbo de uma construção verbal serial, nos moldes do que ocorre atualmente com os verbos *pa* ‘terminar’ (ex.57) e *kwa* ‘saber’ (ex.56), como será esclarecido com mais detalhes na próxima seção.

### 4.3 Análises dos processos e possíveis novas gramaticalizações

Podemos inferir que, a partir de mudanças já constatadas na língua, é possível que outras mudanças ocorram seguindo o mesmo caminho por onde alguns itens já passaram durante o processo de gramaticalização.

Há evidências de que a gramaticalização das partículas direcionais e posicionais não seja algo recente no Guajá enquanto a mudança da partícula *ta* possivelmente tenha se concretizado há menos tempo (Magalhães, 2019, p. 911). Como afirmado anteriormente, observam-se dois processos de gramaticalização distintos: em um deles as partículas direcionais e posicionais foram originadas de verbos que eram empregados em orações subordinadas e que recebiam a marca de finalidade/simultaneidade. No outro, a partícula de aspecto projetivo advém de uma estrutura serializada. Nesta sessão abordaremos os dois processos.

No que se refere ao primeiro processo de gramaticalização, é possível defender, a partir de uma análise comparativa, que todas as partículas que indicam direção e posição no Guajá são resultantes da associação de verbos com o sufixo denominado “sufixo de gerúndio -*áβo*”, (Cabral e Rodrigues, 2005, p. 54-55), que se anexa às orações dependentes expressando noção adverbial de simultaneidade/finalidade. A forma fonológica dessas partículas é uma evidência para essa constatação, pois verificamos que *kapo* 'partícula direcional elativa' e *tapo* 'partícula posicional' são exemplos de partículas que terminam em *apo*, numa relação clara com o sufixo cognato -*áβo* de gerúndio do Tupinambá. Já em relação às demais, que terminam com a vogal *a*, conforme amplamente demonstrado em Cabral e Rodrigues (*op.cit*) e atestado em várias línguas da família, como no Tupinambá, a sequência -*áβo*, por motivos de mudança fonética, passou a ter como um de seus alomorfes o sufixo -*a*. É justamente essa forma fonológica do sufixo de gerúndio que sobreviveu na língua Guajá, conforme exemplo 105, e que se lexicalizou nas partículas direcionais e posicionais terminadas com *a* do Guajá, como *aha* e *ina*, por exemplo:

105. *a'e*            *t-u-ker-a*             $\emptyset$  -*imahyk-a*  
 DEM            3.II-pai-RETR-N            3.I -estar.bravo-FIN

‘Esse que era pai estava bravo (pois o filho morreu)’ (Magalhães, 2007, p. 162)

Atualmente, há na língua Guajá, além do sufixo mais antigo -*a*, um outro alomorfe para o sufixo de gerúndio, o sufixo -*pa* (ex. 106), adquirido tardiamente, possivelmente como resultado do contato com línguas Tenetehara.

106. *a-'u*            *ta*            *ha =*  $\emptyset$ -*kira-pa*  
 1SG.I-comer    PROJ            1SG.II=R-gordo-FIN

‘Eu vou comer para ficar gordo’ (Magalhães, 2007, p.234)

O fato de os verbos gramaticalizados em partículas direcionais e posicionais não ocorrerem com esse alomorfe *-pa* representa evidência de que o processo de gramaticalização desses verbos nessas partículas ocorreu antes do surgimento desse sufixo mais recente e, portanto, possivelmente antes do contato dos Awa Guajá com esse grupo. Outra evidência de que esse processo de gramaticalização é antigo está relacionado com o fato de as raízes verbais das partículas posicionais não serem mais atestadas na língua atualmente. Assim, as partículas *ama ~ tama* ‘em pé’, *apo ~ tapo* ‘deitado’ e *ina ~ tina* ‘de cócoras/sentado’ são resultantes da gramaticalização dos verbos no modo gerúndio \**'am* ‘estar em pé’, \**ub* ‘estar deitado’ e \**in* ‘estar sentado’ que já não mais existem como verbos plenos, mas podem ser atestados em línguas como o Tupinambá.

O segundo processo consiste na gramaticalização da partícula *ta* a partir do verbo *mata* ‘querer’ processo para o qual defendemos a hipótese de que tenha ocorrido a partir de uma construção verbal serial em que o referido verbo ocorria como segundo verbo da construção. Conforme propusemos anteriormente, a estrutura da língua permite que raízes verbais ocorram como segundo verbo de uma sentença e este seja empregado sem marcas de pessoa, de subordinação ou de coordenação, como parte de uma estrutura serial. No entanto, essa estrutura não seria muito produtiva atualmente na língua, sendo apenas identificada com alguns poucos verbos ativos e estativos. Os verbos ativos que podem ocorrer como segundo verbo numa estrutura serializada sincronicamente são os verbos *kwa* ‘saber’ (ex.56 repetido aqui como 107) e *pa* ‘terminar’ (ex.57 repetido aqui como 108), que também ocorrem como verbos plenos, isto é, em orações independentes da língua:

107. *a-wata*            *kwa*  
1SG.I –andar saber  
‘Eu sei andar’ (Magalhães, 2019, p. 909)

108. *a-'u*                *pa*  
1SG.I comer    terminar  
‘Eu terminei de comer’ (Magalhães, 2019, p. 909)

Defendemos que o verbo *mata* ‘querer’ figurava na mesma posição dos verbos *kwa* e *pa*, antes de deixar de ser usado como verbo pleno e passar a figurar como partícula de

aspecto projetivo. Tal hipótese encontra fundamento na investigação do comportamento desse verbo em outras línguas, conforme apresentamos abaixo.

Na língua Tapirapé, por exemplo, o uso do cognato da partícula *ta ~ mata* como núcleo de predicado associado a prefixos pessoais justifica o motivo de Praça descrevê-lo como um item lexical verbal, *patâr* ‘querer’, conforme ilustrado a seguir.

109. *ie-Ø*            *ã-patâr*            *ne= Ø-a-Ø*  
 1SG-REFER    1SG.I-querer    2SG.II=R-ir-REFER  
 ‘Eu quero sua ida’ (Praça, 2007, p. 118)

No entanto, a mesma raiz verbal também ocorre no Tapirapé afixada ao verbo principal (Praça, 2007, p. 117), conforme exemplo abaixo:

110. *ie-Ø*            *ã-ino-patâr*            *i-xe’eg-ã-w-a*  
 1SG-REFER    1SG.I ouvir-querer    3.II-falar-N. PROC-REFER  
 ‘Eu quero ouvir a fala dela (lit: eu quero ouvir a falação dela)’  
 (Praça, 2007, p. 22)

No Kamayurá a expressão semântica desiderativa é, assim como em Tapirapé, expressa pelo cognato de *mata*: a raiz verbal *potat*, tanto na forma de verbo pleno, em (ex. 111), como na forma do que Seki define como sufixo (ex. 112):

111. *marawitewar-a*    *mo’ytsowy-a*    *ere-potat*  
 qual-N            missanga -N    2SG-querer  
 ‘Qual missanga você quer?’ (Seki, 2000, p. 218)

112. *a-ha-potat*  
 1SG-ir-DES  
 ‘Eu quero ir’ (Seki, 2000, p. 132)

Em Tenetehara a raiz cognata *putar* ‘querer/desejar’ é usada em posição pós-verbo principal, indicando futuro ao ser usado como verbo lexical associada às marcas de pessoa (ex. 113) e empregado com a semântica de aspecto aproximativo (ex. 114).

113. *aze pe-putar uru-zuka pe= Ø-me nehe*  
 se 2PL-desejar 1EXCL-quebrar 2PL=REL-para INT  
 ‘Se vocês desejam, nós podemos quebrá-lo (o pote) para vocês’  
 (Duarte *et al.*, 2018, p. 34-35)
114. *a-ha-putar ka'a r-upi ihe ri'i*  
 1SG-ir-PROX mata RLT-para 1SG CERT  
 ‘Eu vou para a mata com certeza.’ (futuro imediato e certo)  
 (Camargos *et al.*, 2019 p. 834)

Ao fazer a analogia entre o Guajá e o que ocorre no Tapirapé, Kamaiurá e Tenetehara, podemos concluir que o Guajá perdeu a possibilidade de expressar lexicalmente a noção desiderativa expressa pelo verbo *mata* ‘querer’, uma vez que ele não ocorre na língua sincronicamente como núcleo de predicado associado a marcas de pessoas (Magalhães 2007, p.110), mas manteve a possibilidade de expressar essa semântica quando associado a outro verbo, numa estrutura serializada até tornar-se um elemento gramatical de posição pós-verbal que passou a expressar aspecto projetivo.

Atualmente, a partícula de aspecto projetivo é parte essencial na estrutura do Guajá, podendo ser empregada após predicados verbais eventivos (ex.115), estativos (ex. 116) e nominais (ex.117):

115. *a-xa ta*  
 1SG.I-ver PROJ  
 ‘Vou ver’ (Magalhães, 2019, p. 914)
116. *i-kira ta*  
 3.II-gordo PROJ  
 ‘Vai ficar gordo’ (Magalhães, 2007, p. 111)
117. *ha = r-ipa ta*  
 1SG.II = R-casa PROJ  
 ‘Vai existir a minha casa’ (Magalhães, 2007, p. 111)

É necessário ressaltar que a partícula projetiva forma com o núcleo do predicado ao qual se associa um único predicado. Magalhães (2007, p. 280) atesta isso quando menciona



que os marcadores de negação (*n=*)...*i* são empregados no predicado em sua totalidade conforme o dado abaixo.

118. *n = a-xa tar-i*  
 NEG = 1SG.I-ver PROJ-NEG  
 ‘Não vou ver’ (Magalhães, 2019, p. 906)

Esta partícula faz parte do subgrupo denominado de partículas intra-predicado que, segundo a autora (2007, p. 110) “são palavras que ocorrem dentro do predicado, numa posição fixa após o núcleo deste, antes de sufixos flexionais. Expressam aspecto, modalidade, quantificação, tempo, maneira e negação”. Os dados abaixo são exemplos onde a partícula *ta* é empregada de forma preposta (ex.119) ou posposta (ex.120) à partícula imediata *ramõ* evidenciando que não podemos defini-la, como fazem os pesquisadores das línguas acima exemplificadas, como um sufixo, no caso do Guajá:

119. *ari-jaho ta ramõ e ikwamehẽ are=r-ipa-pe aria*  
 1PL.I-ir PROJ IMED LUSIV amanhã 1.SG.II-R-casa-LOC nós  
 ‘Nós iremos amanhã para a nossa casa’ (Magalhães, 2007, p. 112)

120. *Ø-wehẽ ramõ te ta*  
 3.I-sair IMED REAL PROJ  
 ‘Vai nascer agora mesmo!’ (Magalhães, 2007, p. 112)

Outra importante característica dessa partícula é que, tendo seu significado atrelado ao item lexical que a precede, ela faz parte do sintagma verbal e pode inclusive ocorrer dentro de uma estrutura verbal nominalizada, como no dado abaixo.

121. *a-kije ha=Ø-manũ ta-ha r-ia*  
 1SG.I-temer 1.SG.II- R-morrer PROJ- NZR R-de  
 ‘Eu tive medo de morrer’ (lit.: eu temi minha morte futura/projetada’)  
 (Magalhães, 2007, p. 111)

Fazendo uma comparação com os verbos que fazem parte das atuais restritas SVCs do Guajá, podemos inferir que a partícula *ta* é resultante da gramaticalização do verbo *mata*

‘querer’, que possivelmente figurou por um tempo como verbo pleno ao mesmo tempo em que podia ser o segundo verbo de uma construção serial, conforme é possível se verificar em outras línguas da família, como vimos nesta seção. Com a perda do verbo ‘querer’ como verbo independente, ele passa a figurar apenas como verbo de segunda posição numa SVC e vai gradativamente se gramaticalizando, perdendo consistência fonológica (*mata* ~ *ta*) e passando a expressar semântica desiderativa, assim como projeção. Uma vez gramaticalizado como partícula, passa a ocorrer inclusive como marca de aspecto em predicados nominais, conforme exemplo 117.

Esse segundo processo de gramaticalização possivelmente é mais recente do que o primeiro, relacionado ao surgimento das partículas direcionais e posicionais, já que a forma fonológica mais estendida *mata* ainda pode ser observada na fala dos Awa Guajá mais velhos, sendo muito menos frequente na fala dos mais jovens.

Ao analisar que estas partículas foram originadas a partir de verbos da língua, Magalhães (2019, p. 912) alega que as partículas do Guajá que expressam direção, posição e aspecto seguem um caminho semântico similar à gramaticalização de verbos em auxiliares, em outras línguas, com a diferença formal de que os auxiliares originados de verbos perdem sua função lexical, mas recebem as marcas flexionais, enquanto as partículas perdem sua função lexical e tornam-se uma palavra não flexionada de posição pós-núcleo do predicado:

Ao assumir que expressões gramaticais como auxiliares expressam conceitos gramaticais tipicamente relacionados a tempo, aspecto e modalidade (TAM), quase que invariavelmente, podemos afirmar que as expressões linguísticas para tais noções são derivadas de conceitos gerais como locação, movimento, atividade, desejo, postura, relação e posse. Tais noções tendem a ser expressas linguisticamente por meio de verbos. (Magalhães, 2019, p. 912)

De maneira geral, os dois processos de gramaticalização identificados no Guajá foram gerados a partir de um afunilamento nas relações entre os verbos, como mostrado no capítulo anterior, criando assim a dependência semântica e sintática entre um verbo principal e uma partícula. Dessa maneira, identificamos dois padrões a serem seguidos nessa língua, onde a relação entre verbos de uma construção que tendem a expressar eventos relacionados entre si, como no caso das orações subordinadas de finalidade/simultaneidade, ou mesmo eventos indissociáveis, como no caso das SVCs, podem gramaticalizar um destes verbos e torná-lo uma partícula pós-verbal.

Ainda de acordo com Magalhães (2019, p. 912) o processo de gramaticalização das partículas direcionais e posicionais esquematiza-se como **verbo + complemento não finito = verbo + partícula**. Já a partícula de aspecto projetivo gramaticaliza-se a partir de uma construção verbal serial onde o **verbo 1 + verbo 2 = verbo + partícula**.

Com relação à produtividade dessas estruturas em gerar novas partículas, podemos afirmar que os verbos cuja semântica permite sua gramaticalização em partículas direcionais e posicionais já passaram todos por esse processo, o que nos parece correto prever que este tipo de gramaticalização a partir de estruturas subordinadas de finalidade/simultaneidade já não deve mais ocorrer. Já com relação ao processo de gramaticalização a partir de SVCs, podemos sugerir o oposto: os verbos *kwa* ‘saber’, *pa* ‘terminar’, *parahỹ* ‘estar certo’, *manahỹ* ‘estar errado’ e *me* ‘ser devagar’ tendem a se gramaticalizar em partículas, seguindo o mesmo percurso de *mata* ‘querer’, uma vez que são muito frequentes nessa posição de segundo verbo e expressam noções semânticas que podem ser codificadas nas línguas como fontes de noções aspectuais.

Tendo recorrido sobre os processos de gramaticalização e mudança da estrutura gramatical do Guajá a partir de sequências verbais distintas, finalizamos este capítulo com os conceitos sobre mudanças gramaticais de uma língua por Heine e Kuteva (2003, p. 393, tradução nossa).

Em seu artigo sobre transições que uma língua pode passar ao longo do tempo, os autores afirmam que a gramaticalização deve ser entendida como um processo de evolução de uma determinada estrutura gramatical que apresenta dois pontos importantes e comuns nas línguas:

1. Os processos da mudança/transformação das línguas que ocorriam no passado são os mesmos que ocorrem no presente e
2. As línguas e sua gramática são estruturadas tendo como base os mesmos princípios que as estruturavam no passado.<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup> No original: “In the study of language evolution two partially compatible stand points can be taken:  
1) The forces and the processes of language change were the same in the past as they are in the present.  
2) Languages in the past were structurally the same in the principle as the language in the present”.  
(Heine e Kuteva, 2003, p. 393).

Logo, os processos de gramaticalização de verbos em partículas não são exclusividade do Guajá, sendo muito comuns tipologicamente, principalmente no que se refere a verbos de movimento se gramaticalizarem em elementos que indicam direção; os verbos de posição se gramaticalizarem em elementos que indicam postura ou posição ou a um verbo que expressa intenção se gramaticalizar em elemento que indica projeção.

Nota-se também que o processo de gramaticalização e seu alcance de mudança, embora a língua seja multifacetada e dinâmica, faz com que a evolução desta ocorra guiada não apenas por mudanças morfossintáticas, mas também por motivos pragmáticos, conforme aprofundaremos no próximo capítulo.

## CAPÍTULO V

### Motivações para os processos de gramaticalização

Neste último capítulo, abordaremos as observações teóricas que correlacionam gramaticalização à semântica (que diz respeito ao significado do léxico, sintagma ou sentença) e pragmática (que diz respeito a inferências sobre o significado linguístico com base em suposições contextuais, como a cooperatividade dos participantes de uma conversa) e analisaremos como elas explicam aspectos do surgimento dos marcadores apresentados pelo Guajá a partir da gramaticalização de verbos.

Sabemos que analisar as mudanças ocorridas em uma língua nem sempre permite que as nuances pragmáticas destas transformações e a suas motivações sejam conhecidas. Por isso, neste capítulo apresentaremos o que sugerimos, a partir do conhecimento da estrutura da língua e de seus falantes, serem as possibilidades de motivações que geraram tais mudanças.

Embora não sejam conceitos prototípicos, segundo Neves (1997, p. 130), as motivações que levam a processos de mudança podem ser necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas já existentes em uma determinada língua, e também a necessidade de novos conteúdos cognitivos para os quais “não existem designações linguísticas adequadas”.

Rosário (2015, p. 37) deixa explícito que os estudos vinculados à gramaticalização de palavras ou sentenças de uma língua proporcionam um entendimento mais profundo sobre as motivações por trás das mudanças e a necessidade de “uma comunicação adequadamente efetuada”.

A partir desta reflexão, conscientes de que precisamos estar atentos ao uso contextualizado desses elementos gramaticais nos dados coletados, realizaremos uma análise das partículas do Guajá sob a ótica da dinâmica social do povo, isto é, a sua forma de interpretar o mundo relacionando a língua com sua função pragmática neste capítulo final.

De acordo com a análise realizada, algumas estruturas da língua Guajá apresentam fenômenos particulares que se manifestam de maneira diferente do que já foi encontrado em outras línguas da família, como o caso da gramaticalização de verbos em partículas direcionais e posicionais, conforme apresentaremos na seção 5.2. Por isso, partimos do pressuposto de que as motivações para essas mudanças linguísticas podem, em princípio, ser encontradas no contexto discursivo e cultural de seus falantes.

No entanto, é sabido que o processo de gramaticalização é progressivo e que as mudanças de linguagem possuem detalhes que talvez nunca sejam compreendidos de maneira suficiente para afirmarmos precisamente por que uma mudança específica ocorreu. Em vez de nos referirmos a "causas" ou "explicações", falamos com mais cautela de motivações ou fatores facilitadores, entendendo sempre que estamos nos referindo a fatores potenciais e estatisticamente preferidos, não absolutos<sup>38</sup> (Hopper e Traugott, 2003, p. 71, tradução nossa). Portanto, nos pautamos aqui, para a análise do Guajá, em fatores linguísticos e culturais que apontam para o porquê destas transformações e sobre isso vamos elaborar nossas hipóteses.

### **5.1 Motivações para a gramaticalização de verbos**

Analisando as motivações para as mudanças linguísticas de uma forma abrangente, Hopper e Traugott (2003, p. 71, tradução nossa) explicam que elas têm sido discutidas recentemente a partir de três perspectivas: o papel da aquisição de linguagem, principalmente por crianças, numa perspectiva gerativista; o papel das comunidades e dos diferentes tipos de contato entre elas, numa perspectiva sociolinguística e, por fim, de especial interesse para aqueles que trabalham com gramaticalização, este tem sido o papel de falantes e ouvintes negociando significado em situações comunicativas.<sup>39 40</sup>

Pautaremos a análise das motivações das mudanças aqui discutidas no Guajá na perspectiva da gramaticalização, concentrando-nos nas relações falante/ouvinte e os papéis que estes desempenham.

Como a gramaticalização é um processo translinguístico, sendo comum às diferentes estruturas gramaticais, as motivações que regem as gramaticalizações de verbos podem seguir

---

<sup>38</sup> No original: "It is tempting to think in terms of "causes" and even of "explanations" in the sense of "predictions". (Hopper e Traugott, 2003, p. 71).

<sup>39</sup> No original: "Of greatest interest within generative linguistics has been the role of language acquisition, especially child language acquisition. Sociolinguists, by contrast, have tended to focus attention on the role of communities and different types of contact within them. Of special interest to those working on grammaticalization has been the role of speakers and hearers negotiating meaning in communicative situations." (Hopper e Traugott, 2003, p. 71)

<sup>40</sup> Este último em uma perspectiva de interação de pessoas fora da idade de aquisição da língua.

padrões similares em línguas diferentes e muitas vezes são encontradas justificativas em comum que explicam as mudanças realizadas.

Bybee and Dahl (1989, p. 57, tradução nossa) apresentam evidências por meio do estudo de diversas línguas não relacionadas de que a base semântica universal da gramaticalização é o fato de que o material lexical que evolui para material gramatical para expressar tempo e aspecto parece ser o mesmo, ou é pelo menos semelhante, entre idiomas<sup>41</sup>.

Hopper e Traugott (2003, p. 73, tradução nossa), por sua vez, explicam que os falantes, por quererem que os outros compreendam o que estes falam, buscam maneiras de facilitar o total sucesso de sua fala ajudando os interlocutores a processar as novas informações que estão sendo transmitidas e integrá-las a informações antigas que já foram passadas.<sup>42</sup>

Usando o exemplo do Inglês, que tem em sua estrutura linguística a expressão indicativa de tempo futuro *going to* (que também pode ser empregada na forma *gonna* apresentando mudança morfológica e perda fonológica), os supracitados autores (2003, p. 72, tradução nossa) esclarecem que os falantes empregam o que acham mais simples estruturalmente e buscam facilitar a articulação de palavras, em especial em momentos de falas rápidas e precisas. Estes ainda compactam aquilo que já é usado na estrutura da língua uma vez que compactar torna mais fácil a criação de elementos novos.<sup>43</sup> Sendo assim, ao invés de originarem novas palavras e estruturas para dizer algo específico, os falantes buscam elementos já empregados em sua língua e dão a estes novas formas de aplicabilidade.

Esse processo é claro no Guajá no que concerne à modificação de verbos plenos, que recebiam marcação de pessoa e exerciam função de núcleos de predicado e passaram não

---

<sup>41</sup> No original: “This theory proposes that the paths along which grams develop may be the same or similar across languages, and that the differences among the meanings expressed by tense and aspect grams across languages correspond to the location the particular gram occupies along one of these universal paths at a particular time. (Bybee and Dahl, 1989, p. 57).

<sup>42</sup> No original: “But ideally (the ideal communicator/hearer) people want others to understand them, and they seek ways to facilitate the success, helping interlocutors to process the new information they are imparting, and helping them integrate it with old information. (Hopper e Traugott, 2003, p. 73).

<sup>43</sup> No original “Ease of articulation, reduction of the signal especially in rapid speech going to -> gonna, etc.” “(...) Speakers use what they find easiest to use, rather than creating new stuff”. (Hopper e Traugott, 2003, p. 72).

apenas por alteração semântica, mesmo que ainda relacionada com seu significado original, mas também por mudanças fonológicas, morfológicas e sintáticas, sendo atualmente, partículas que expressam posição, direção, aspecto e projeção de algo a ser realizado.

Dentro do âmbito da aplicabilidade do termo gramaticalização como um processo de mudança gramatical, figura também a noção de “reanálise” e este conceito será usado ao longo deste capítulo conforme citado por alguns autores no que concerne ao tema aqui foco de discussão.

Segundo Silva (2012, p. 25), reanálise trata-se da reinterpretação de propriedades morfossintáticas como também “generalização e debilitação do significado básico, rotinização de aspectos pragmático-discursivos e de novas funções e construções gramaticais e, por vezes, erosão fonética”. No entanto, como mencionado pelo autor em seu artigo (2012, p. 28), ainda não há um consenso sobre se a reanálise é um estágio necessário para a gramaticalização ou se é um processo diacrônico presente na gramaticalização.

Ainda segundo o autor acima (2012, p. 31), “o protótipo da gramaticalização é aquele em que um item lexical assume uma função gramatical dentro de uma construção particular através de uma série de mudanças que envolvem generalização semântica, reanálise, descategorização e redução e perda de autonomia morfossintática e fonológica”.

Por isso adotamos neste trabalho a ideia de complementação entre estes dois processos, onde pode ocorrer a nomeada reanálise, isto é, a reinterpretação de propriedades morfossintáticas de um determinado item lexical a partir de contextos pragmático-discursivos específicos, associado às mudanças de uso gramatical e fonético, o que pode resultar na transformação desse item lexical num item gramatical, que definimos como gramaticalização.

De acordo com Hopper e Traugott (2003), dentre os fatores pragmáticos que os autores associam à reanálise, dois processos são determinantes para que haja a gramaticalização: o metafórico e o metonímico, explicados a seguir.

Começando com a metáfora, Hopper e Traugott (2003, p. 84, tradução nossa) explicam que este é um dos processos mais amplamente reconhecidos na mudança de significado. Trata-se de um processo de inferência e normalmente age em termos de mapeamento/trajetória de um domínio para outro, porém não ocorre de maneira aleatória, mas motivado por analogia e relacionamentos icônicos. Logo, os autores destacam que a uma mudança metafórica ocorre relacionada à semântica. Os autores ainda esclarecem que os exemplos comumente estudados no processo de gramaticalização por processos metafóricos estão associados ao desenvolvimento de termos que definem conceitos espaço-temporais



(Hopper e Traugott, 2003, p. 85, tradução nossa). Tal processo pode ser atestado na língua Guajá e nas mudanças aqui discutidas que deram origem às partículas de aspecto projetivo *ta*, aspecto progressivo *ika* e aspecto prospectivo *aha*.

Ainda sobre a metáfora, segundo Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 48) a unidirecionalidade da gramaticalização acontece da seguinte forma, no que se refere aos domínios de conceitualização:

**pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade**

Ferreira (2011, p. 171) esclarece que “todos os elementos dessa escala constituem domínios de conceitualização importantes para expressar as nossas experiências em termos cognitivos. Há, entre eles, uma relação metafórica; qualquer elemento mais à esquerda pode mapear outro a sua direita”.

A língua Inglesa ilustra isto de forma clara, conforme Heine *et al.* (1991, p. 46), como ocorreu com o verbo *go* que, num processo de gramaticalização metafórica, estendeu seu significado espacial (ex. 122a) para mapear também um conceito temporal (ex. 122b):

122a. *Henry is going to town.*

‘Henry está indo para a cidade’.

122b. *The rain is going to come.*

‘A chuva vai chegar’

Esclarecendo ainda melhor essa diferença, Traugott e König (1991, *apud* Ferreira, 2011, p. 171) esclarece que o processo de gramaticalização metafórica é responsável pelo surgimento das marcas de tempo, aspecto e caso, enquanto a metonímia é responsável pelo surgimento de conectivos. A autora ainda afirma que:

O que difere um mecanismo do outro é que a metáfora, como vimos, é um processo de abstratização crescente, pelo qual, conceitos pertencentes a domínios mais próximos de experiência humana são utilizados para expressar aquilo que se encontra em domínios mais abstratos, e conseqüentemente, mais difíceis de serem definidos. Já a metonímia é um processo de mudança por contigüidade, pelo contato, pela proximidade imediata, no sentido que é gerado pelo contexto sintático. (Ferreira, 2011, p. 171).

Podemos, nesse sentido, assumir que a gramaticalização responsável por gerar as noções aspectuais do Guajá foi motivada metaforicamente, por associação e analogia, tornando um conceito mais próximo da experiência humana expresso pelo verbo uma noção mais abstrata. A análise pragmática deste processo será descrita em 5.2 e 5.3.

Assim, a partícula projetiva *ta* do Guajá foi moldada a partir do verbo ‘querer’ que passou, gradativamente, do domínio verbal para o domínio aspectual, porém não de maneira aleatória, mas motivado pela analogia e iconicidade entre a expressão de desejo de que algo se realize para a expressão de projeção de um evento (ou estado). De acordo com Bybee e Dahl (1989, p. 57, tradução nossa) expressões com um verbo que significa ‘desejar’, ‘movimento em direção a uma meta específica’ ou ‘obrigação’ se transformam em itens gramaticais que expressam intenção e futuro.<sup>44</sup> Este é um processo dito metafórico, ilustrado pelo esquema a seguir:

Esquema 1:

*mata > mata ~ ta > ta*  
verbo > partícula aspectual > partícula aspectual  
‘querer’ > desiderativa DES > projetiva PROJ

O processo metafórico também está relacionado à partícula posicional *ika* como marca de aspecto progressivo, assim como à partícula direcional centrífuga *aha* como marca de aspecto prospectivo, em que a semântica do verbo ‘estar em pé e em movimento’ e do verbo ‘ir’, respectivamente, motivou, por analogia, o processo de gramaticalização mais avançado das partículas posicional ‘em pé, em movimento’ e direcional ‘indo’ nessas partículas aspectuais, conforme detalhado e ilustrado na seção 5.3. e esquematizado aqui para melhor visualização:

Esquema 2:

*iku > ika > ika*

---

<sup>44</sup> No original: “expressions with a verb meaning 'desire', 'movement towards a goal' or 'obligation' develop into grams expressing intention and future”. Bybee and Dahl (1989, p. 57).

verbo > partícula posicional > partícula aspectual  
'estar em pé e em movimento' > 'em pé e em movimento' POS1 > progressivo PROG

Esquema 3:

*aho > aha > aha*  
verbo > partícula direcional centrífuga > partícula aspectual  
'ir' > 'indo' CTF > prospectivo PROSP

Já as partículas de posição e direção têm sua origem em verbos posicionais e direcionais que não sofreram reanálise, mas mantiveram sua semântica intacta, isto é, o significado gramatical delas já estava presente na forma verbal, ocorrendo apenas uma transferência no nível da indexação lexical, de verbos subordinados para partículas pós-verbais, motivado pelo contexto sintático da subordinação, que já associava a noção lexical do verbo presente na oração principal com a noção semântica posicional e direcional que estes verbos subordinados carregavam. Esse é um processo mais associado ao que se denomina metonímia.

Esclarecidas as diferenças entre os dois processos, neste próximo tópico analisaremos as partículas e as possíveis motivações de gramaticalização de forma mais detalhada.

## **5.2 Partículas direcionais e posicionais: motivações para a sua origem**

Martelotta *et al.* (1996, p. 24) alegam que a gramaticalização é “um processo em cujo final o elemento linguístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para penetrar nas restrições da gramática”.

Considerando essa tendência e olhando-a a partir da perspectiva da gramaticalização dos verbos em partículas direcionais e posicionais do Guajá, podemos afirmar que mecanismos que indicam direção e posição são não apenas produtivos, mas essenciais em uma língua cujos falantes têm na atividade de caça a sua maior provisão alimentar, como é o caso dos Awa Guajá. Analisando o contexto onde as partículas de posição e direção, associadas aos verbos de postura e de movimento são usados pelo povo, podemos vislumbrar sua importância, por exemplo, em uma das principais atividades dos Awa, que é, segundo Garcia (2010, p. 320) a caça aos macacos guaribas, animais estes que, ao perceberem a presença humana por perto, sobem no alto da copa de alguma árvore buscando refúgio,

enquanto os Awa Guajá, ao subirem nas árvores ao redor, dão início a uma caçada “aérea” por meio das copas das árvores.

Isto torna extremamente necessária a ideia de uma comunicação mais rápida para os Guajá entenderem a localização e posição destes animais. Quando consideramos que a direção de um verbo de movimento e a posição de referentes é tão importante na comunicação associamos essa ideia à tendência da mente humana de simplificar a linguagem, faz sentido a mudança de uma estrutura formada por oração principal seguida de uma subordinada mudar para uma estrutura em que um verbo é seguido necessariamente por uma partícula, economizando mecanismos gramaticais na mensagem a ser passada. Além disso, a partícula, forma gramaticalizada do verbo, torna-se mais regular, sendo de certa forma exigida na gramática da língua após um verbo de movimento (no caso das direcionais) ou de postura (no caso das posicionais), deixando de ser uma informação eventual.

Ao compararmos o Guajá com as línguas Tapirapé, Ka’apor e Kamayurá, percebe-se que a informação no Guajá é passada por meio de uma estrutura mais econômica, gramaticalmente mais previsível e requerida na organização de seus constituintes, conforme exemplo 123 a seguir.

Nestas outras línguas da família, os verbos que possuem esta mesma semântica são usados como verbos plenos e recebem marca de pessoa, sendo sua ocorrência por meio de oração subordinada (ex. 124 do Tapirapé) ou oração coordenada (ex. 125 do Ka’apor) opcional, a depender apenas da decisão do falante.

#### **Guajá** – partícula *aha* ‘indo’

123. *ka’i-a*                      *Ø-wyhy*      **aha**      *ka’a-pe*  
macaco.prego-RFR      3.I -correr      CTF      mato-LOC  
‘O macaco-prego foi correndo para o mato’ (Magalhães, 2007, p. 101)

#### **Tapirapé** – Verbo *a* ‘ir’

124. *mĩ*              *a-ãta*              *a-a-wo*  
DEM              3.I-caminhar      3.III-ir-GER  
‘Os dois caminham (indo)’ (Praça, 2007, p. 88)

#### **Ka’apor** – Verbo *ho* ‘ir’

125. *Ø-mahem*      *arapuha*      *himi”u*      **o-ho**  
3-encontrar      veado      comida      3-ir

‘O veado encontrou o alimento, indo’ (Garcia, 2009, p. 219)

### **Kamayurá** – Verbo *ho* ‘ir

126. *o-jan o-ho-m [je = i-(e)nōj -amue]*  
3-correr 3-Aux-G [lsg =3-chamar-Subj]  
‘Ele saiu correndo quando eu o chamei’ (Seki, 2000, p. 366)

Os exemplos anteriores ilustram as diferentes estruturas que algumas línguas da família possuem para expressar a mesma noção semântica de direção do movimento centrífugo (‘ir’). Mais exemplos seguem abaixo, relacionados à expressão de ‘vir’ (exs. 127 a 129), ‘levar’ (exs. 130 e 131), ‘trazer’ (exs. 132 e 133) e ‘fazer ir’ (exs. 134 e 135).

### **Guajá** – partícula *awa* ‘vindo’

127. *a-wehẽ ta xi awa katu-pe ha= Ø-xiru Ø-mũk-a*  
1SG.I-sair PROJ IMPERF CTP fora- LOC 1SG.II=R-roupa R-vestir-GER  
‘Eu vinha saindo para fora para vestir minha roupa’ (Magalhães, 2007, p. 102)

### **Tapirapé** – verbo ‘*ot*’ ‘vir’

128. *ekwe xyre-Ø tanã rãka i-yj-Ø ‘ot-a*  
D.E rapaz-REFER CERT PAS.REC 3.I-correr-I2 3II.vir-GER  
‘Aqui os rapazes correm’  
(lit: aqui os rapazes, com certeza, correram vindo) (Praça, 2007, p. 158)

### **Kamayurá** – verbo ‘*ut*’ ‘vir’

129. *o-’itse-m o-’ut*  
3-entrar-G 3-vir/Aux/G  
‘Ele veio entrando’ [Lit.: "ele entrou vindo"] (Seki, 2000, p. 317)

### **Guajá** – partícula *raha* ~ *haraha* ‘levando’

130. *Ø-japamĩ haraha ‘y-pe*  
3.I – mergulhar CTF1 água-LOC  
‘Mergulhou levando-a para água’ (Magalhães, 2007, p. 103)

**Kamayurá** – verbo *raha* ‘levar’

131. *ka'a pupe e-ro-itse-m e-raha-m ka'a rupi ka'a rupi ka'a rupi*  
mato dentro 2SG-C. COM-entrar-G 2SG-levar-G mato por mato por mato por  
‘Entrando com ela na mata, foi levando-a pela mata, pela mata, pela mata’  
(Seki, 2000, p. 265)

**Guajá** – partícula *rawa* ~ *harawa* ‘trazendo’

132. *a-pi harawa ha = Ø-jamete-pe*  
1SG.I-carregar CTP1 1SG.II = R-costas-LOC  
‘Carreguei-o trazendo-o nas minhas costas’ (Magalhães, 2007, p. 104)

**Kamayurá** – verbo *erute* ‘trazer’

133. *taw-a myter-ip ore=r-ejat ore=r-erute*  
aldeia-N centro-LOC 1Pe=Rel-deixar 1Pe=Rel-trazer/G  
‘Trazendo-nos, deixou-nos no centro da cidade’ (Seki, 2000, p. 366)

**Guajá** – partícula *manã* ‘fazendo ir’

134. *Mair-a kamixa-Ø Ø-japia'ó Ø-mapy manã kwarahy Ø-pa-pe*  
Maira-RFR jabuti-RFR 3.I-estripar 3.I-colocar CTF2 sol R-brilho-LOC  
‘Maíra estripava o jabuti e colocava-o (fazendo ir) no sol’  
(Magalhães, 2007, p. 105)

**Tapirapé** – verbo *(n)a* ‘ir’ + prefixo causativo *ma-*

135. *Pãxe-wer-a=gỹ-Ø rãkã'ẽ panẽ a-kome'o i-xope*  
pajé-GRUP-REFER=PL-REFER P.REM.N.A FRUST 3.I-contar 3.II-POS  
*i-ma-na-wo i-reka-wo*  
3.II-CAUS-ir-GER 3.II-CC-estar-GER  
‘Os pajés (e os espíritos) contaram para ela, fazendo-a ir em vão’  
(lit: os pajés (e os espíritos contaram para ir, fazendo-a ir estando com ela em vão)  
(Praça, 2007, p. 162)

Exemplos similares também podem ser encontrados em outras línguas com relação às partículas posicionais, conforme selecionamos a seguir, seguindo a mesma hipótese de que a forma mais gramaticalizada do Guajá pode ser justificada pelo modo de vida de seus falantes, em que a necessidade de uma comunicação mais eficiente e econômica sobre a posição dos

referentes torna a informação sobre posição obrigatória e mais concisa, conforme podemos ilustrar comparando os exemplos do Guajá com seus correlatos no Tapirapé e Kamairurá:

**Guajá** – partícula *ama* ‘estar em pé’

136. *a-paỹ*                      *tama*  
1SG.I-levantar              POS2  
‘Levantei (ficando em pé)’ (Magalhães, 2007, p. 108)

**Kamayurá** – Verbo *'am* ‘estar em posição vertical’

137. *kunu'um-a o-'anuw o-'am*  
menino-N 3-ouvir 3-VERT  
‘O menino está ouvindo em pé’ (Seki, 2000, p. 260)

**Guajá** – partícula *ina* ‘de cócoras / sentado’

138. *ma'awa pira Ø-ika ina kwy*  
quem peixe 3.I-matar POS3 ali  
‘Quem está ali pescando (sentado)’ (Magalhães, 2007, p. 108)

**Tapirapé** – Verbo *'yn* ‘estar sentado’

139. *ãxepe-xepe i-ke-Ø 'yn-a takār-ipe*  
um-REDUP 3.II-entrar-I2 3.estar.sentado-GER takāra-LOC  
‘De um em um eles foram entrando na takāra’ (Praça, 2007, p. 151)

**Kamayurá** – Verbo *ine* ‘sentar’

140. *[ne =in -aw -er -ipe] e -jot e -ine kor=a'e=wa*  
[2sg=sentar-Nom-Pas-Loc] 2sg-vir /Imper 2sg-sentar/G FS=Nint=MS  
‘Venha sentar-se onde você esteve sentado’ (Seki, 2000, p. 186)

**Guajá** – partícula *apo ~ tapo* ‘deitado’

141. *a-wa'a ta tapo ha=kaha-pe ha=r-awy mehẽ*  
1SG.I-cair PROJ POS4 1=SG.II=rede-LOC 1.II=R-estar.menstruada quando  
‘Eu vou cair (ficando deitada) na minha rede quando estiver menstruada’  
(Magalhães, 2007, p. 108)

### Tapirapé – Verbo 'op' 'estar deitado'

142. *pitywer ã-xe'eg ã 'op-a pe=n-ee*  
criança 1SG.I-falar D.E 3.estar.deitado-GER 2PL.II=R-POS  
'Criançada, estou falando de (em) vocês agora' (Praça, 2007, p. 138)

### 5.3 Partículas aspectuais: motivações para a sua origem

De acordo com Nicolle (2007, p. 47, tradução nossa), gramaticalização é um processo pelo qual categorias lexicais e construções contendo material lexical se desenvolvem, em contextos morfossintáticos específicos, em itens gramaticais, ou seja, estes itens lexicais tornam-se membros de categorias funcionais, inclusive marcadores (partículas) de tempo e aspecto, assim como é observado no Guajá no caso da partícula de aspecto projetivo *ta* e das partículas de aspecto progressivo *ika* e de aspecto prospectivo *aha*.<sup>45</sup>

Conforme anteriormente explicado, entendemos que a partícula aspectual projetiva *ta* surge de um contexto de SVCs, atestado ainda na língua com outros verbos, como em (ex. 143) com o verbo *kwa* 'saber', em que os dois verbos, que já são interpretados como expressando um único evento, passam por um processo metafórico de gramaticalização, tornando-se, o segundo deles, uma partícula pós-verbal, como em (ex. 144). Neste caso, *ta* deixou de expressar 'querer' numa estrutura serializada e ocorre como partícula de aspecto projetivo, podendo ser não apenas associada a predicados verbais, mas também sendo utilizada para expressar a projeção de uma entidade expressa por um predicado nominal.

143. *a-wata kwa*  
1SG.I-andar saber  
'Eu sei andar' (Magalhães, 2019, p. 909)

144. *ha = r-ipa ta*  
1SG.II = R-casa PROJ  
'Vai existir a minha casa' (Magalhães, 2007, p. 111)

---

<sup>45</sup> No original: "Grammaticalization is the process whereby lexical categories and constructions containing lexical material develop, in specific morphosyntactic contexts, into GRAMS, that is, members of functional categories, including tense and aspect markers". (Nicolle, 2007, p. 47).



Nicolle (2007, p. 47, tradução nossa) entende que gramaticalização que origina partículas de tempo e aspecto, envolve mudanças estruturais e semânticas. Ele ainda reafirma a ideia já conceituada por outros autores que, quando ocorre, a mudança semântica precede a mudança estrutural. O autor representa as mudanças ocorridas da seguinte forma:

**Mudança de uso** → **mudança de significado** → **mudança de forma (estrutura)**  
(pragmática) (semântica) (sintática + fonologia)

O autor (2007, p. 48, tradução nossa) ressalta que, ao analisar uma cadeia de verbos e a gramaticalização pelas quais estas cadeias passam, uma das mais recorrentes é o desenvolvimento de construções contendo verbos de movimentos em partículas de tempo e aspecto.<sup>46</sup> O autor conceitua verbos de movimento como aqueles que expressam mudança de localização do sujeito em oposição ao movimento realizado em único local ou movimento do objeto.<sup>47</sup> Esse não é o caso específico da partícula *ta* porque esta tem sua origem no verbo *mata* ‘querer’, mas explica a gramaticalização do verbo *ho* ‘ir’ em partícula de aspecto prospectivo. Magalhães (2019, p. 902) explica que:

Com relação especificamente à partícula *aha*, que expressa direção centrífuga e tem origem no verbo ‘ir’, podemos afirmar que seu uso direcional se estendeu também para expressar aspecto prospectivo, isto é, uma confluência entre tempo e aspecto que tem a função de indicar, no caso do Guajá, a antecipação de um estado futuro iminente.

Seu uso como partícula de aspecto prospectivo pode ser atestado, segundo a autora, pelo exemplo abaixo, quando ocorre associada a verbos que exprimem processo, e não a verbos que exprimem deslocamento:

---

<sup>46</sup> No original: “One of the most frequently cited grammaticalization chains is the development of constructions containing movement verbs into tense and aspect markers”. (Nicolle, 2007, p. 48).

<sup>47</sup> No original: “A movement verb is defined here as a verb which expresses change of location on the part of the subject (as opposed to motion in a single location or movement of the object of the verb)”. (Nicolle, 2007, p. 48).

145. *a-jkura aha kyry'y*  
 1SG.I-curar PROSP agora  
 ‘Eu estou quase curado agora.’ (Magalhães, 2019, p. 902)

Também pode ser analisada da mesma maneira a partícula de aspecto progressivo *ika*, originada do verbo *iku* ‘estar em pé, em movimento’. Sobre essa partícula, Magalhães (2019, p. 904) afirma:

No que se refere especificamente à partícula *ika*, que tem origem no verbo posicional *iku* e expressa posição em pé e em movimento (isto é, o participante da ação/evento deve estar simultaneamente em pé e em movimento), podemos afirmar que seu uso posicional se estendeu e tem se especializado em expressar aspecto progressivo. O verbo posicional *iku* ‘estar em pé e em movimento’, que existe plenamente como verbo lexical gramaticalizou-se, em processo paralelo, em partícula e o resultado semântico da combinação da partícula com os verbos vai depender do tipo de verbo com o qual ela é associada. Com verbos eventivos, pode denotar tanto posição quanto aspecto progressivo (...). Associada a verbos estativos, indica um estado em progressão, (...).

Os exemplos abaixo ilustram a referida partícula associada a verbo eventivo (ex. 146) e a verbo estativo (ex. 150):

146. *tapi'ir-a u-'u ika ka'a-pe*  
 anta-RFR 3.I-comer POS1/PROG mato-LOC  
 ‘A anta comia em pé em movimento’ / ‘a anta estava comendo no mato’ (Magalhães, 2019, p. 905)

147. *jaha a-wata ka'a r-ipi ha = Ø-jamyhỹ ika*  
 eu 1SG.I-andar mato R-por 1SG.II = R-estar. faminto POS1/PROG  
 ‘Eu andava pelo mato. Eu estava faminto.’ (Magalhães, 2019, p. 905)

Assim, podemos afirmar que o Guajá, em sua mudança estrutural, é uma das línguas que ilustra os padrões de gramaticalização de verbos de movimentos em marcas aspectuais apresentados por Nicolle (2007). Isto fica mais evidente quando comparamos o processo aqui descrito com as conclusões do autor sobre o tema. Essas mudanças prototipicamente têm, segundo ele, as seguintes características (Nicolle 2007, p. 48 e 49, tradução nossa):

1. Construções contendo lexemas como componentes passam por gramaticalização;
2. A gramaticalização envolve reanálise morfosintática (...);
3. A gramaticalização envolve redução fonológica, às vezes como um resultado de reanálise morfosintática;
4. Vários estágios de gramaticalização podem coexistir; isto é, palavras gramaticalizadas podem apresentar alomorfa estrutural e fonológica e
5. Verbos que indicam o movimento do sujeito em direção ao solo são fontes comuns para expressar tempo futuro e aspecto prospectivo.<sup>48</sup>

A gramaticalização do verbo *ir* como auxiliar de futuro está presente também no Português e não é algo recente na língua. Segundo Adriano (2017, p. 135) a construção **ir + infinitivo** passou a ser empregada por falantes de Português Europeu nos séculos XVI e XVIII.

Lima (2001, p. 125) esclarece que este tipo de gramaticalização sofreu “a demissão gradual dos dois traços semânticos até o seu desaparecimento, acompanhada de progressiva promoção do traço ‘futuro’ à categoria do traço semântico, o que leva a que, no Português atual, seja possível encontrar apenas *ir* como auxiliar de futuro na construção **ir + infinitivo**”. Assim, a construção *ir* + infinitivo do Português expressa a intenção de projetar uma ação para ser realizada em um tempo futuro, comum em muitas línguas.

Porém, se a partícula de aspecto projetivo *ta* do Guajá não tem como origem um verbo de movimento, isso não significa dizer que sua origem a partir do verbo ‘querer’ não encontre paralelo na literatura sobre gramaticalizações.

Bybee and Dahl (1989, p. 57 e 58, tradução nossa), ao tratar das evidências para a base semântica universal da gramaticalização apresentam exemplos de três línguas nas quais a fonte lexical que expressa desejo se gramaticalizou em noção de futuro (ou, no caso do Guajá, aspecto projetivo):

---

<sup>48</sup> No original: “1. Constructions (containing certain lexemes as components) under go grammaticalization rather than lexemes per se.

2. Lexical sources of grams are general in meaning.

3. Grammaticalization involves morphosyntactic reanalysis ; in particular, there is an increase in C-command scope.

4. Grammaticalization involves phonological reduction, sometimes as a result of morphosyntactic reanalysis e.g. going to > gonna.

5. Various stages of grammaticalization may coexist; that is, grammatical words may exhibit structural and phonological allomorphy. (The lexical source construction may also continue to be used concurrently with the gram that derives from it.) (Nicolle, 2007, p. 48 e 49).

Fonte lexical: desejo

Categoria gramatical: intenção > futuro

### **Inglês**

*willan* 'want' > *will* 'future'

### **Swahili**

*taka* 'want' > *ta* 'future'

### **Mandarin:**

*yìio* 'want' > *yìio* 'future'

Salles (2019, p. 792), com relação ao *ta* do Guajá, defende que esta partícula, ao se gramaticalizar, passou a ser empregada como um “operador funcional de tempo (futuro)”, tendo seu emprego como categoria lexical sofrido reanálise e hoje seu uso está restrito à categoria funcional na estrutura oracional.

Como explicado anteriormente, a partícula *ta* possivelmente iniciou seu processo de gramaticalização perdendo a função de verbo pleno e a marca de pessoa, a partir de uma construção serial, e sendo empregada na língua para expressar aspecto desiderativo, ou o que Bybee e Dahl (1989, p. 58, tradução nossa) chamam de *intenção*. Em uma crescente gradação da gramaticalização, se desenvolveu em uma partícula de posição pós-verbal especializada em expressar o que é interpretado como tempo futuro para alguns autores como Seki (2000), Praça (2007) ou aspecto projetivo, para Magalhães (2007). Salles (2019, p. 792) ainda ressalta que:

A análise parte da observação de que a partícula ‘*ta* (~*mata*)’ da língua Guajá encontra correlato em outras línguas da família Tupí-Guaraní (TG), o que permite abordar a questão também pelo ponto de vista translinguístico. Em relação ao processo de gramaticalização, é possível demonstrar a ocorrência de fenômeno idêntico em famílias e troncos linguísticos distintos. É o caso do desenvolvimento de auxiliares modais do inglês, particularmente no caso de ‘*will*’, que deixa de ser um verbo nocional/lexical com denotação volitiva, capaz de selecionar argumentos, e passa a ocorrer como marcador temporal de futuro, mediante um processo que favorece estruturas menos complexas.

A autora ainda propõe, ao fazer a análise sobre a gramaticalização da partícula dentro do âmbito diacrônico, que este era um verbo nocional com denotação volitiva/desiderativa,

seguindo a mesma linha de análise diacrônica de Bybee e Dahl (1989) de que verbos que apresentam semântica desiderativa passam a ser empregados de uma forma distinta e sofrem mudança categorial, expressando a realização de algo em um tempo futuro.

A diferença entre o processo de gramaticalização dos verbos em partículas direcionais e posicionais para o verbo gramaticalizado em partícula de futuro/aspecto projetivo é que este último processo é comum à grande maioria das línguas da família Tupí-Guaraní, podendo ser encontrado, ainda em transição, na maioria das línguas, como no Ka'apór. Observe que no dado 148 abaixo, do Ka'apór, é possível se atestar o verbo pleno *putar* 'querer', cognato de *mata* 'querer' do Guajá, coexistindo sincronicamente com o constituinte *ta* (ex.149), que é usado como um marcador de futuro iminente.

148. *a-putar* 'ym ne Ø-py'ai-ha  
 1SG-querer NEG 2SG CNT-ter.tristeza-NOM  
 'Eu não quero sua tristeza' (Caldas, 2001, p.12)

149. *a'e o-ho ta h-ok Ø-pe*  
 ele 3-ir IMIN NCT-casa CNT-para  
 'Ele vai para a casa dele' (Caldas, 2001, p.11)

O mesmo processo ocorre nas línguas Tapirapé (ex. 109 repetido aqui como 150), Kamaiurá (ex. 112 repetido aqui como 151) e Tenetehara (ex.114 repetido aqui como 152) e parece ilustrar fases anteriores do processo de gramaticalização pelo que já passou a língua Guajá, em que o verbo de tempo futuro continua existindo paralelamente como verbo lexical.

150. *ie-Ø ã-patãr ne= Ø-a-Ø*  
 1SG-REFER 1SG.I-querer 2SG.II=R-ir- REFER  
 'Eu quero sua ida' (Praça, 2007, p. 118)

151. *a-ha-pota*  
 1SG-ir-DES  
 'Eu quero ir' (Seki, 2000, p. 132)

152. *aze pe-putar uru-zuka pe=Ø-me nehe*  
 se 2PL-desejar 1EXCL-quebrar 2PL=REL-para INT

‘Se vocês desejam, nós podemos quebrá-lo (o pote) para vocês’  
(Duarte *et al.*, 2018, p. 34-35; *apud* Camargos *et al.*, 2019, p. 836)

No Guajá, este verbo deixou de ser usado como verbo lexical pleno e sua raiz tornou-se apenas um elemento com função gramatical, uma partícula. De acordo com Magalhães (2019, p. 919), “[a] identificação do verbo lexical pleno em línguas relacionadas permite concluir que tal mudança é relativamente recente na língua”.

Evidências para isso são os fatos de que o verbo lexical *mata* ‘querer’, apesar de não ocorrer mais como verbo pleno no Guajá, ainda pode ser encontrado na sua forma estendida na fala dos mais velhos e ainda se pode ser usado expressando intenção em posição pós-verbal, conforme dado 153, apresentado em contexto de resposta à pergunta ‘Quer comer isso?’:

153. *a-’u*                    *mata*  
1SG.I-comer    DES/PROJ  
‘Eu vou/quero comer’ (Magalhães, notas de campo não publicadas)

Podemos aqui estender a análise que Bybee e Dahl (1989, p. 58, tradução nossa) fazem do auxiliar *will* do Inglês para as línguas Tupí-Guaraní em que esses usos do elemento gramatical provavelmente retêm muito do significado lexical original de intenção da partícula, com '*mata*' transmitindo a ideia de "eu pretendo por causa do desejo interno"<sup>49</sup>.

A gramaticalização permitiu, provavelmente, que, um verbo que exige a presença de um agente animado e volitivo e um verbo ativo fosse gramaticalizado e passasse a ser utilizado em contextos mais amplos, como se pode atestar em Guajá no exemplo abaixo em que a partícula de aspecto projetivo ocorre não apenas com verbos eventivos (ex. 154), mas também com verbos estativos (ex. 155) e nomes em função de predicado (ex. 156):

154. *a-jaho*            *ta*  
1SG.I-ir            PROJ  
‘Eu irei’ (Magalhães, 2001, notas de campo não publicadas)

---

<sup>49</sup> No original: “I intend to cause an internal desire”. (Bybee e Dahl, 1989, p. 58).

155. *ha = r-apahaj ta*  
1SG.II = R-ter.sono PROJ  
'Eu vou ter sono' (Magalhães, notas de campo não publicadas)

156. *ha = r-ipa ta*  
1SG.II = R-casa PROJ  
'Eu vou ter casa' (Magalhães, 2019, p. 914)

Ao expormos as possíveis motivações que conduziram verbos aos processos de gramaticalização no Guajá, analisamos isto dentro da relação falante e ouvinte, pois acreditamos que a língua é dinâmica e se torna produtiva por meio de seus falantes. Ao realizarmos assim nossa pesquisa, foi preciso observar as relações e mudanças segundo o norteamento que a pragmática oferece.

Segundo Caricatti e Rodrigues (2009, p 125), “ao ampliar a compreensão da linguagem para além do formalismo gramatical ou da relação símbolo objeto, incorporando a intenção do agente que emprega palavras para alcançar suas intenções, chega-se à perspectiva pragmática”.

A junção da observação das experiências que os Awa-Guajá vivenciam com a comparação de dados em outras línguas da família Tupí-Guaraní, nos leva a entender como eram organizadas as estruturas em que os verbos que indicavam direção, posição e desejo eram empregados por seus falantes em seu dia a dia. Assim, ao entendermos as situações de interação entre os falantes, aspectos da cultura destes e como a gramática se condiciona a isto, chegamos ao resultado final do afinamento da relação entre os verbos resultando em partículas específicas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou a formação das estruturas gramaticais da língua Guajá a partir de verbos plenos específicos: os que denotam direção, posição e intenção. Considerando que a língua possui distintos tipos de construções em que verbos lexicais ocorrem em sequência em orações coordenadas, orações subordinadas e construções verbais seriais, constatamos que a integração entre os verbos varia de acordo com o tipo de estrutura em que eles se encontram.

As orações coordenadas, por serem formadas por sequências de vários núcleos de predicados verbais independentes, ligados entre si por conjunção ou apenas justapostos, revelam ter um nível mínimo de integração entre as sequências verbais da sentença. Elas são o início da descrição das relações entre os verbos, que como foi observado, vai afinando conforme a integração entre os verbos aumenta.

Na estrutura da língua também observamos que uma sentença pode ser formada por uma oração principal seguida de uma oração subordinada. O Guajá apresenta a possibilidade de subordinar semanticamente um evento em relação a outro a partir da junção de duas orações formalmente independentes correlacionadas pelo significado: esta é a subordinação semântica. Também apresenta outros tipos de oração subordinadas que formalmente evidenciam a dependência de um verbo com relação ao outro: são as orações adverbial temporal, adverbial consecutiva e adverbial final/de simultaneidade, que instauram uma maior relação de integração verbal na sentença.

Outra estrutura que, pela nossa análise já não é mais tão produtiva na língua, mas pode ser atestada de acordo com um entendimento mais amplo dessa possibilidade estrutural nas línguas, é a construção serial, que ocorre sincronicamente com apenas cinco verbos na posição de verbo 2. Estes verbos não recebem marca de pessoa, sendo o primeiro verbo da sequência o único que recebe este tipo de marcação. Neste tipo de estrutura, o estreitamento da relação entre os dois verbos da sequência é bem maior, exprimindo ambos a noção de um evento só.

Por fim, devido a um processo de gramaticalização que segue um caminho semântico e pragmático comparável ao de outras línguas, o Guajá também possui partículas resultantes de verbos específicos. Assim, o processo de afinamento das relações entre os verbos de uma sentença culmina na forma gramaticalizada dos verbos em partículas pós-verbais.

Em resumo, o estreitamento da relação entre os verbos começa nas orações coordenadas, passa pelas orações subordinadas, fica mais evidente nas construções verbais



seriais e atinge a sua total realização quando partículas são geradas e estas se tornam totalmente dependentes dos verbos que acompanham, complementando seu significado.

Como resultado deste processo que levou verbos a se tornarem partículas, há, no Guajá, sete partículas direcionais, sete posicionais e uma partícula de aspecto projetivo, tendo também uma partícula direcional e uma posicional se gramaticalizado ainda mais em partículas aspectuais.

Constatamos também que verbos que indicam movimento e verbos de semântica desiderativa são favoráveis a este tipo de mudanças atestada no Guajá, como já amplamente descrito em línguas não aparentadas a esta, algumas delas aqui citadas. Embora as motivações que conduziram os verbos da língua aqui analisada a este tipo de mudança de uso ainda não sejam totalmente conhecidas, podemos formular hipóteses mais gerais e mais específicas sobre o processo e afirmar que o uso de partículas provindas da gramaticalização de verbos é um fenômeno bem produtivo e de grande relevância no Guajá, e que pode, ao longo do tempo, gerar novas partículas pós-verbais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIANO, Paulo A. **O passado do futuro: uma análise diacrônica do ir+infinitivo no português europeu**, 2017. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/download/737/476>>. Acesso em: 14 dez. 2019.

AIKHENVALD, Alexandra.; DIXON, Robert. W. N. **Serial verb constructions in typological perspective**. Nova Iorque: Oxford University Press Inc, 2006.

AIKHENVALD, Alexandra.; DIXON, Robert. W. N. Serial verb constructions: a critical assessment of Haspelmath interpretation. **Language and Linguistics**. 2019. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/330577987\\_Letter\\_to\\_the\\_editor\\_of\\_Language\\_and\\_Linguistics\\_Serial\\_verb\\_constructions\\_a\\_critical\\_assessment\\_of\\_Haspelmath's\\_interpretation](https://www.researchgate.net/publication/330577987_Letter_to_the_editor_of_Language_and_Linguistics_Serial_verb_constructions_a_critical_assessment_of_Haspelmath's_interpretation)>. Acesso em: 12 de abril de 2020.

ARAÚJO, Antônio de. **Catecismo na língua brasilica**. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1618.

AWAGUAJÁ-INFORMAÇÕES. FUNAI. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/component/content/article/454ascom/informativos/1453-awa-guaja>>. Acesso em: 25 julho 2019.

BYBEE, Joan L.; DAHL, Osten. The creation of tense and aspect systems in the languages of the world. **Studies in Language**. 1989, p. 51-103.

CALDAS, Raimunda B. C. **Uma proposta de dicionário para a língua Ka'apor**. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, Ricardo Campos; TESCARI NETO, Aquiles. Partículas de Final de Sentença (PFS): uma análise cartográfica por fases sobre o sistema da língua Tenetehára. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 14, n. 3, p. 827-855, set.-dez. 2019.

CARICATTI, André; RODRIGUES, Jorilson. A pragmática no contexto da identificação de autoria de textos. **Revista Ibicit**. Brasília, v. 38, n. 1, p. 124-133, jan. - abr. 2009. Disponível em <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1259/1437>>. Acesso em: 12 de abril de 2020.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário E. **Manual de Linguística**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 157-176.

DUARTE, Fábio Bonfim; CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, Ricardo Campos; SILVA, Cíntia Maria Santana; GUAJAJARA, Marina da Silva. **Coletânea de narrativas Guajajará**. Belo Horizonte: FALE: UFMG, 2018. v. 1.

FERREIRA, Ediene Pena. **Metáfora e gramaticalização: Um estudo do verbo chegar**. Pará: Universidade Federal do Pará, 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/artigo-132.pdf>>. Acesso em: 08 de janeiro de 2020.

GARCIA, Uirá Felipe. **Karawara: a caça e o mundo dos Awá-Guajá**. Tese de doutorado São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2010.

GARCIA, Mário Alexandre. **Aspectos gramaticais da língua Ka'apor**. Tese de doutorado. Fale/Ufmg. 2009.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam : John Benjamins Publishing Company, 1990.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, v. I, 2001.

GONÇALVES, Sebastião C. L.; LIMA-HERNANDES, Maria C.; CASSEB-GALVÃO, Vânia C.; CARVALHO, Cristina dos S. Tratado geral sobre Gramaticalização. In: LIMA-HERNANDES, Maria C. (org.). **Introdução à Gramaticalização: Princípios teóricos e aplicação**. 1ª. ed. São Paulo: PARABOLA, 2007. p. 14 - 66.

HASPELMATH, Martin. The Serial Verb Construction: Comparative Concept and Cross-linguistic Generalization. **Language and Linguistics**, 2016. 291-319.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HIINNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization A Conceptual Framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd.; KUTEVA, Tania. The transition to language. In: HURFORD, James.; NEWMeyer, Frederick. (org.). **Studies in the evolution of language**. Oxford: Oxford University, 2003. Cap. 18, p. 378-397. Disponível em: <<http://www.lel.ed.ac.uk/~jim/ORIGINS/heine.kuteva.pdf>>. Acesso em: 28 outubro 2019.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth C. **Grammaticalization**. 2ª.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KURYLOWICZ, Jerzy. **Sage Journals**, 1965. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/039219216501305105>>. Acesso em: 30 agosto de 2018.

LEHMANN, Christian. **Thoughts on grammaticalization**. 2ª revised edition. Erfurt : Philosophische Fakultät , 2002.

LEITE, Francisco Tarciso. **Metodologia científica**. São Paulo: Ideias Letras, 2008.

LICHTENBERK, Frantisek. 2006. Serial verb constructions in Toqabaqita. In: AIKHENVALD, Alexandra; DIXON, Robert M. W. (org.). **Serial Verb Constructions: A Cross-linguistic Typology**, 254–272. Oxford & New York: Oxford University Press.

LIMA, J. P. de. Sobre a gênese e a evolução do futuro com “ir” em Português. In: SILVA, Augusto Soares da (org.). **Linguagem e cognição**. Braga: Associação Portuguesa de Linguística / Universidade Católica Portuguesa, 2001.

MAGALHÃES, Marina M. **Sobre a morfologia e a sintaxe na língua Guajá (família Tupí-Guaraní)**. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

MAGALHÃES, Marina M. Levantamento da documentação existente sobre o povo indígena Awá-Gujá e registro e sistematização de informações sociolinguísticas e demográficas atuais. **Giz**. Relatório de Consultoria prestada à FUNAI. Brasília: 2013.

MAGALHÃES, Marina M. Os diferentes processos de causativização na língua Guajá. In: TELLES, Stella.; BRUNO, Ana Carla; QUEIXALÒS, Francesc (org.). **Incremento de valencia en las lenguas amazónicas**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, v. 1, 2014.

MAGALHÃES, Marina M.; MATTOS, Ana Cristina Rodrigues. Classes de palavras, tipos de predicados e sua relação com a intransitividade cindida em Guajá. **Via Litterae – Revista de Linguística e Teoria Literária**. Brasília: UnB, 2014. p. 251-284.

MAGALHÃES, Marina M. A gramaticalização de verbos em partículas na língua Guajá e sua relação com a omnipredicatividade. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 14, n. 3, p. 897 - 918, 2019.

MAGALHÃES, Marina M.; PRAÇA, Walkíria Neiva; CRUZ, Aline da. Indicativo II da família Tupí-Guaraní: uma questão de modo? **Línguas Indígenas Americanas - LIAMES**, 2017. 39-58.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. **Gramaticalização no português do Brasil**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro , 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; WILSON, Victoria. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 71-85.

MATTOS, Ana Cristina Rodrigues de. **A cisão intransitiva em línguas da família Tupí-Guaraní**. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Edouard Champion, 1912. Disponível em: <[https://www.academia.edu/5124610/A\\_Meillet\\_L\\_%C3%A9volution\\_des\\_formes\\_grammaticales](https://www.academia.edu/5124610/A_Meillet_L_%C3%A9volution_des_formes_grammaticales)>. Acesso em: 29 de março de 2020.

MOSEL, Ulrike. Complex predicates and juxtapositional constructions in Samoan. In: BRIL, Isabelle; OZANNE-RIVIERRE, Françoise. **Complex Predicates in Oceanic Languages: Studies in the Dynamics of Binding and Boundness**. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2004, p. 263–296.

NASCIMENTO, Ana Paula Lion. **Estudo fonético e fonológico da língua Guajá**. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NICOLLE, Steve. The grammaticalization of tense markers: A pragmatic reanalysis. In: SAUSSARE, Louis de.; MOESCHLER, Jacques.; PUSKAS, Genoveva. **Tense, mood and aspect: Theoretical and descriptive issues**. Nova York: Rodopi, 2007, p.47-65.

PRAÇA, Walkíria Neiva. **Morfossintaxe da língua tapirapé (Família Tupí-Guaraní)**. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

PEIRCE, Charles S. **The Philosophy of Peirce**. Nova York: Harcourt, 1940.

QUEIXALOS. Francisc. Des noms et des verbes en Tupí-Guaraní: état de la question. **Le suffixe referentiant en Émérillon**. , München, 2001. 115-132.

RODRIGUES, Aryon. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 27/28, p. 33-53, 1984-1985.

RODRIGUES, Aryon. **Etnolinguística**, 1996. Disponível em: <[http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Arodriques-1996/rodriques\\_1996\\_linguas\\_gerais.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Arodriques-1996/rodriques_1996_linguas_gerais.pdf)>. Acesso em: 19 de fevereiro 2019.

RODRIGUES, Aryon. **A originalidade das línguas indígenas brasileiras**. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

ROSÁRIO, Ivo da C. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional:algmas reflexões. In: ROSÁRIO, Ivo da C.; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. **Linguística centrada no uso**. Rio de Janeiro.: Vozes, p. 63-73, 2015.

SALLES, Heloisa Lima. A partícula ‘tá(~ matá)’ na estrutura oracional da língua Guajá. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**. Belém, v. 14, n. 3, p. 791 - 804, 2019.

SEKI, Lucy. **A gramática do Kamaiurá**. Campinas: Editora da UNICAMP/São Paulo, Imprensa Oficial.

SAUSSURE, Fernand. de. **Curso de Linguística Geral**. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Augusto Soares da. Gramaticalização, reanálise e subjectificação. Para uma revisão do conceito de gramaticalização. In SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mouviraldo; LIMA-HERNANDES, Maria Célia (orgs.). **História do Português Paulista**. Série Estudos Vol. III. Campinas: UNICAMP/Publicações do Instituto de Estudos da Linguagem, 2012, 25-44.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; KÖNIG, Ekkehard. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, Bernd. **Approaches to grammaticalization**. V.1: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p.140-170.

TAVARES, Maria Alice. Metáfora e metonímia em processos de gramaticalização: o caso do " aí " marcador de especificidade. **Gragoatá**. Niterói, n. 26, 2009, p. 103-120. Disponível em: < <http://periodicos.uff.br/gragoata> >. Acesso em: 08 de janeiro de 2020.